



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

JACKELINE FERREIRA SIMÕES MANGUEIRA

**CAUSOS E CORDÉIS: RECURSOS PEDAGÓGICOS PARA ALÉM DOS LIVROS
DIDÁTICOS, COMO ESTRATÉGIAS DE LEITURA E DE COMPREENSÃO DE
TEXTOS**

**CAJAZEIRAS/PB
2023**

JACKELINE FERREIRA SIMÕES MANGUEIRA

**CAUSOS E CORDÉIS: RECURSOS PEDAGÓGICOS PARA ALÉM DOS LIVROS
DIDÁTICOS, COMO ESTRATÉGIAS DE LEITURA E DE COMPREENSÃO DE
TEXTOS**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campus de Cajazeiras - PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos
Linha de pesquisa: Estudos da Linguagem e Práticas Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

M277c Manguiera, Jackeline Ferreira Simões.
Causos e cordéis: recursos pedagógicos para além dos livros didáticos, como estratégias de leitura e de compreensão de textos / Jackeline Ferreira Simões Manguiera. – Cajazeiras, 2023.
106f. : il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira.
Dissertação (Mestrado em Letras - PROFLETRAS) UFCG/CFP, 2023.

1. Gênero textual. 2. Letramento. 3. Cultura popular. 4. Leitura e Compreensão. 5. Oralidade. 6. Linguística textual. 7. Cultura popular. 8. Literatura de cordel. 9. Cordel. I. Pereira, Hérica Paiva. II. Título.

UFCG/CFP/BS CDU – 81'42(043.3)

JACKELINE FERREIRA SIMÕES MANGUEIRA

**CAUSOS E CORDÉIS: RECURSOS PEDAGÓGICOS PARA ALÉM DOS LIVROS
DIDÁTICOS, COMO ESTRATÉGIAS DE LEITURA E DE COMPREENSÃO DE
TEXTOS**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, *Campus* de Cajazeiras – PB, na área de concentração *Linguagens e Letramentos* e linha de pesquisa *Estudos da Linguagem e Práticas Sociais*, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: 30 /08 / 2023

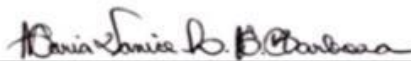
Banca Examinadora:



Prof.^a Dra. Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)



Prof.^a Dra. Maria do Socorro Pinheiro
(FECLI/ UECE – Examinador 1)



Prof.^a Dra. Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)

Dedico este trabalho à minha sogra, Francisca Lourinha Manguera (*in memoriam*), que me permitiu estar com ela em seus últimos dias, momento que me fez entender o que realmente importa nas nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser meu amigo, meu guia e meu consolador, a quem sempre posso recorrer nas minhas angústias e dificuldades.

À minha filha, Mariana, que me fez entender o que realmente é amar e que, a cada dia, me motiva a não desistir diante dos obstáculos.

Ao meu esposo, Marcos, principal incentivador dos meus estudos, que está sempre presente, que me encoraja e me instiga a continuar e por quem tenho grande admiração.

Aos meus pais, Francisco e Lourdes (*in memoriam*), aos meus avós paternos, José e Ana, e maternos (*in memoriam*), Francisco e Dada, meus alicerces, com os quais adquiri meus primeiros letramentos.

Aos meus irmãos, Gilvan, Jakeane, Jorge, Francisco, Jackson e Fernandes e aos meus sobrinhos, Lourdes, Yuri, Heitor e Sophia, por tornarem a caminhada mais leve e prazerosa.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira, pelas imprescindíveis contribuições e por estar sempre presente e atenta à nossa pesquisa, orientando-me com sabedoria e dedicação. Obrigada por acreditar em mim e ser tão gentil em seus atos e palavras.

Às Professoras Dr.^a Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa e Prof.^a Dra. Maria do Socorro Pinheiro, por aceitarem fazer parte das bancas tanto de qualificação quanto de defesa e pelas relevantes contribuições para a realização desta pesquisa.

A todos os professores do PROFLETRAS/UFCG campus Cajazeiras – PB, pela competência profissional e por toda dedicação e paciência.

À coordenadora Vanice e a secretária Eliane, pela solicitude durante todo o curso.

Aos meus colegas de turma, pelo companheirismo, pelos momentos vividos e aprendizados compartilhados. Em especial, agradeço a Cristiane, Ana Maria e Úrsula, minha equipe fantástica, que ficará sempre marcada em minha história e em meu coração.

“As culturas humanas foram e seguem sendo
múltiplas e diferentes.”

(Brandão)

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo desenvolver habilidades e competências de leitura e de compreensão de textos, através da oralidade, a partir dos gêneros causo e cordel. Acreditamos que o diálogo entre os conteúdos escolares e as vivências cotidianas dos alunos oportunizarão resultados exitosos no processo de leitura e compreensão de textos, por tratar da realidade vivida pelos discentes. Nesse viés, esse estudo, fundamenta-se, principalmente, na visão dos letramentos, ao considerar as práticas sociais do aluno e os aportes teóricos de Marcuschi e Dionísio (2007), Carvalho e Ferrerazi (2018), Soares (2022), Kleiman (1995), Geraldi (1996), Solé (2014), Cosson (2021), Cascudo (2006) e Marinho e Pinheiro (2012). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de abordagem qualitativa por considerar a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. É também explicativa, sendo que buscamos explicar a relevância da presença da oralidade e das práticas sociais no contexto educacional para o desenvolvimento da leitura e da compreensão de textos, e de natureza aplicada, pois, como resultado da nossa pesquisa, apresentamos uma proposta de intervenção pedagógica, através de um caderno de atividades. O caderno apresentado é composto por cinco oficinas de leitura e compreensão de textos, elaboradas com base na sequência básica de Cosson (2021), com os gêneros orais causo e cordel, que servirá de suporte em sala de aula para professores do 6º ano do Ensino Fundamental. Com este, almejamos ampliar as possibilidades do trabalho de leitura e compreensão de textos e contribuir para o processo de desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento. Leitura e Compreensão. Oralidade. Causos. Cordel.

ABSTRACT

This research aims to develop reading and comprehension skills through orality, focusing on the genres "causo" and "cordel." We believe that the dialogue between school contents and students' everyday experiences will lead to successful outcomes in the process of reading and understanding texts, as it addresses the reality lived by the learners. This study is mainly grounded in the perspective of literacy, considering the students' social practices and the theoretical contributions of Marcuschi and Dionísio (2007), Carvalho and Ferrerazi (2018), Soares (2022), Kleiman (1995), Geraldi (1996), Solé (2014), Cosson (2021), Cascudo (2006), and Marinho and Pinheiro (2012). It is bibliographic research with a qualitative approach, as it considers the dynamic relationship between the real world and the individual. It is also explanatory, seeking to explain the relevance of orality and social practices in the educational context for the development of reading and comprehension of texts. Furthermore, it is of applied nature, as we present a proposal for pedagogical intervention through an activity booklet as a result of our research. The booklet consists of five workshops for reading and comprehension of texts, based on Cosson's basic sequence (2021), using the oral genres "causo" and "cordel." It is intended to support 6th-grade teachers in the Elementary School classroom. With this initiative, we aim to broaden the possibilities for reading and understanding texts and contribute to the teaching and learning process.

KEYWORDS: Literacy. Reading and Comprehension. Orality. "Causos." "Cordel."

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Causo contado com associação a imagens.....	37
Figura 2 - Causo “Problema Cardíaco” - Canal do Youtube de Jessier Quirino	37
Figura 3 - Contação de causo por Rolando Boldrin	38
Figura 4 - Causos de Ariano Sussuna.....	38
Figura 5 - Causo do Geraldinho	38
Figura 6 - Esquema das modalidades tipológicas do causo	39
Figura 7 - informações sobre o gênero causo	41
Figura 8 - Folhetos de Leandro Gomes de Barros.....	46
Figura 9 - Xilogravura de J. Borges	46
Figura 10 - capas do folheto O pavão misterioso com xilogravuras	47
Figura 11 - capas do folheto O pavão misterioso sem xilogravuras.....	47
Figura 12 - Esquema de sequência didática	52
Figura 13 - Capa do folheto de cordel lido para a turma.....	52
Figura 14 - Capa do folheto de cordel de Camões	54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 LER E COMPREENDER TEXTOS ORAIS À LUZ DOS LETRAMENTOS	16
2.1 LÍNGUA, LINGUAGEM E TEXTOS: NOÇÕES GERAIS	16
2.2 CONCEPÇÕES DE TEXTO CONFORME OS PRESSUPOSTOS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL E DA BNCC.....	20
2.3 LEITURA E COMPREENSÃO DE TEXTOS A PARTIR DAS PRÁTICAS SOCIAIS DOS DISCENTES.....	22
2.4 A CULTURA POPULAR E A ORALIDADE EM SALA DE AULA.....	26
2.4.1 Variação e preconceito linguístico	29
2.5 OS GÊNEROS TEXTUAIS NAS PRÁTICAS DE SALA DE AULA.....	32
2.5.1 O gênero caso	33
2.5.2 O gênero cordel.....	42
2.5.2.1 Breves considerações sobre a Literatura de Cordel no Brasil	43
3 RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A ORALIDADE EM SALA DE AULA.....	50
4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: CADERNO PEDAGÓGICO	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS	103

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como fonte inspiradora a nossa vivência como docentes, mas também as inquietações advindas das experiências vividas com os causos populares e as narrativas de cordéis contadas na infância, nas calçadas de nossas casas, quando nos maravilhávamos ao ouvir os mais velhos contando, por exemplo, as histórias de “Camonge”, e nos perguntávamos, na nossa inocência, se aquilo tinha realmente acontecido ou se era tudo inventado. Hoje, ao reviver essas memórias, indagamo-nos por que a cultura popular ainda é pouco trabalhada nos textos escolares, sendo que, a nosso ver, ela pode dar uma grande contribuição no desenvolvimento da oralidade em sala de aula e, ao mesmo tempo, resgatar a cultura do estudante?

Nessa perspectiva, sentimos a necessidade de um trabalho pedagógico que evidencie gêneros da cultura popular, a exemplo do causo e do cordel, pois acreditamos que a partir deles daremos visibilidade à oralidade tão necessária em sala de aula. O causo é um gênero que está intimamente ligado às experiências pessoais de um povo, além de ser dinâmico e lúdico, é um gênero que prende a atenção do público por meio de narrativas criativas com um suspense dissimulado que é evidenciado por meio da entonação e dos gestos. Já o cordel é uma literatura típica do Nordeste brasileiro, enraizada na oralidade e com uma evidente proximidade com o causo, contudo o cordel, além de ser impresso, traz especificidades, como as palavras rimadas e ritmadas. O cordel é uma literatura de grande expressividade artística, que faz parte da nossa cultura popular, porém é pouco difundida na sala de aula.

Assim sendo, o trabalho com a oralidade, por meio de textos da cultura popular, nos parece ser um caminho favorável, capaz de transformar o ambiente escolar em um lugar de reflexão sobre valores e crenças, através de atividades que conectem a sala de aula à realidade dos alunos e possibilitem uma identificação cultural, para, assim, favorecer a leitura e a compreensão de textos.

Destarte, como bem diz Marcuschi e Dionísio (2007), o trabalho com a oralidade deveria ser algo natural na sala de aula, realidade ainda pouco vivenciada no nosso contexto educacional, em que constatamos que há uma supremacia da escrita sobre a fala. Nesse contexto, Antunes (2003) confirma que a supervalorização da escrita é uma prática equivocada, porque a fala não é o lugar propício para a violação das regras da gramática, como muitos afirmam. Nessa perspectiva não queremos diminuir a importância da escrita e do ensino da gramática ao trabalharmos com a língua, mas enfatizar a necessidade de inserir o

aluno em práticas concretas de leituras e de escritas que tenham significado para ele. Isso porque, para que o aluno possa compreender um texto, faz-se necessário que ele consiga atribuir sentido ao que lê, corroborando, assim, com Freire (1989, p. 9) ao afirmar que “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

Diante dessa conjuntura, questionamo-nos, por que os alunos apresentam tanta dificuldade no que se refere à leitura e à compreensão de textos e quais são os desafios do ensino e aprendizagem na perspectiva dos letramentos? E como, à luz dos letramentos e a partir da oralidade, podemos contribuir para a construção de um ensino mais significativo para o aluno?

Acreditamos que tal dificuldade pode estar relacionada ao foco que se dá, nas aulas de Língua Portuguesa, a textos que fogem à realidade dos educandos, ao supervalorizar a escrita e o ensino de gramática de forma descontextualizada das práticas sociais. Sabemos que muitas escolas, pouco levam em consideração a realidade do aluno, os letramentos que ele traz na sua bagagem, a sua cultura, a sua “linguagem”, e talvez por isso ele tenha tanta dificuldade para refletir sobre a linguagem que lhe é apresentada e para atuar como sujeito crítico e consciente do seu papel na sociedade em que vive. Tal realidade não coaduna com os preceitos do letramento, pois, segundo Soares (2022, p. 47), letramento é o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”, considerando, desta forma, todo conhecimento de mundo que o aluno carrega consigo desde as suas primeiras interações na sociedade.

Kleiman (1995) afirma que a escola tem priorizado o letramento apenas na perspectiva da alfabetização, ou seja, está centrada em fazer com que o aluno consiga (de)codificar, deixando em segundo plano as práticas sociais, o que dificulta a compreensão de textos, já que esta, para ser eficaz, precisa estar atrelada à compreensão de mundo. Sendo assim, é de suma importância uma educação linguística que trabalhe nesta perspectiva, voltada a orientar alunos a entenderem a diversidade inerente às práticas de linguagem, que contemple aulas conectadas com a sua realidade social e cultural.

Isso porque, cada vez mais, observamos, nas avaliações externas, índices que mostram que os estudantes não estão atingindo as habilidades necessárias de leitura e de compreensão de textos, ou seja, não estão alcançando o letramento adequado como resultado da ação de ler e escrever. Nesse sentido, é necessário rever as concepções de ensino de Língua Portuguesa no cotidiano escolar, para encontrarmos meios em que nosso aluno alcance um letramento efetivo quanto à compreensão de textos, tão necessário no seu processo de aprendizagem e

nas suas práticas sociais.

Em se tratando da oralidade, Geraldi (1996) ressalta que o ensino deve apropriar-se do texto nos usos da língua, pois o texto acontece nas práticas de linguagens, de acordo com as necessidades de interação do falante. É através dele que nos comunicamos, agimos e interagimos socialmente, seja na sala de aula, com os familiares e amigos, em uma entrevista de emprego, na ida ao supermercado, etc., alfabetizados ou não. É nessa perspectiva, da linguagem como forma de interação, que vemos a necessidade da oralidade na sala de aula, por meio de práticas que nos permitam refletir sobre a linguagem e que favoreçam o domínio discursivo da língua oral, por meio do uso de gêneros textuais. Para isso, a escola tem um papel fundamental ao propiciar ao aluno práticas sociais de leitura e de escrita que evidenciem a multiplicidade cultural da nossa sociedade e a variedade de textos por meio dos quais ela se informa e se comunica, como bem defende a BNCC (2018) sobre a importância dos usos da linguagem nas diferentes esferas sociais.

Desta forma, este trabalho justifica-se por apresentar uma contribuição para as práticas pedagógicas de professores do 6º ano, no que se refere à leitura e à compreensão de textos na perspectiva dos letramentos. Entendemos que o exercício dessa prática é de suma importância por trazer para escola as vivências dos nossos alunos, como também, seus valores, crenças etc. No caso deste trabalho, destacamos as contribuições que a oralidade e a cultura popular podem agregar ao ensino e aprendizagem, por apresentarem as prerrogativas capazes de proporcionar vitalidade e riqueza de experiências necessárias ao nosso estudante. Para isso, expomos o causo e o cordel, por tratar de gêneros que valorizam o contexto cultural e social do aluno, além de possibilitarem o desenvolvimento da expressividade da tradição oral da cultura popular.

Nessa perspectiva, o objetivo geral da pesquisa é desenvolver habilidades e competências de leitura e de compreensão de textos, através da oralidade, a partir dos gêneros causo e cordel. Como objetivos específicos: apresentar as concepções de língua e de linguagem e os desafios do ensino e aprendizagem; evidenciar a relevância das práticas de letramento no ensino de leitura e compreensão de textos; destacar a importância do trabalho com a cultura popular para o desenvolvimento da oralidade em sala de aula através dos gêneros textuais causo e cordel e, por fim, apresentar uma proposta de intervenção que incorpore a cultura popular nordestina à leitura e compreensão de textos em sala de aula, com ênfase na abordagem da oralidade através dos gêneros causo e cordel.

Em razão dos propósitos apresentados, esta pesquisa fundamenta-se, principalmente, nos aportes teóricos de Geraldi (1996) quanto às concepções de língua e linguagem; Solé

(2014) e Cosson (2021) no que se refere à leitura e à compreensão de textos; Marcuschi e Dionísio (2007) e Carvalho e Ferrerazi (2018) na visão da oralidade; Soares (2022) e Kleiman (1995) que se debruçam sobre a temática do letramento; Cascudo (2006), Marinho e Pinheiro (2012) que estão voltados para a cultura popular e o ensino.

A metodologia utilizada consiste em uma pesquisa bibliográfica, que, na visão de Freitas e Prodanov (2013), é aquela que se debruça em materiais já elaborados sobre a temática estudada, por meio de textos acadêmicos publicados, como também teses, dissertações etc. É uma abordagem qualitativa que “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (Freitas e Prodanov 2013, p. 70). Já do ponto de vista dos objetivos é explicativa, uma vez que procuramos explicar a importância do estudo da oralidade na sala de aula para o desenvolvimento da leitura e da compreensão de textos. No tocante à natureza, é uma pesquisa aplicada, pois, como produto dos nossos estudos, apresentamos um caderno de atividades de intervenção pedagógica com os gêneros orais “causo” e “cordel”, para serem aplicadas em turmas de 6º ano do Ensino Fundamental.

No que se refere à organização, este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro apresentamos as considerações introdutórias sobre a temática da pesquisa, a problemática a ser tratada, as hipóteses, a justificativa, assim como, objetivos, embasamento teórico e metodologia.

No segundo capítulo, trazemos a fundamentação teórica, que se divide em cinco pontos: o primeiro apresenta as noções gerais sobre língua, linguagem e texto; o segundo trata sobre as concepções de texto conforme os pressupostos da linguística textual e da BNCC; o terceiro aborda os conceitos sobre leitura e compreensão de textos à luz dos letramentos; o quarto discorre sobre a cultura popular e a oralidade em sala de aula e o quinto apresenta os conceitos gerais de gênero textual e destaca as estruturas e características dos gêneros causo e cordel.

No terceiro capítulo, apresentamos um relato de experiência, que vivenciamos em uma turma de 6º ano, a qual nos instigou a querer aprofundar nossos estudos sobre oralidade e cultura popular, corroborando significativamente para o entendimento de como proporcionar as atividades de intervenção que apresentamos no nosso trabalho.

Por fim, no quarto capítulo expomos uma proposta de intervenção pedagógica através de um caderno de atividades, composto por cinco oficinas, baseadas na sequência básica de Cosson (2021) que “é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e

interpretação” (p. 51), com os gêneros orais causo e cordel, que servirá de suporte, em sala de aula, para professores de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental.

A escolha desses gêneros se deu a partir da nossa atuação como docente na educação básica, em que constatamos a importância dos causos e cordéis para o desenvolvimento da oralidade e da compreensão de textos, além de ser uma prática prazerosa e motivadora que reflete a realidade do educando.

Diante do exposto, esta pesquisa poderá promover possibilidades de inserção da cultura popular na sala de aula em consonância com um trabalho de desenvolvimento da leitura e da compreensão de textos na perspectiva dos letramentos. Acreditamos que, ao construirmos na sala de aula um ambiente que valorize a cultura, a oralidade e as práticas sociais dos alunos, poderemos alcançar uma melhoria no desenvolvimento cognitivo, social e emocional deles, o que os levará a uma maior conquista da autonomia e da criticidade na sociedade em que vivem.

2 LER E COMPREENDER TEXTOS ORAIS À LUZ DOS LETRAMENTOS

Neste capítulo, abordamos as noções gerais sobre língua, linguagem e textos, apresentadas por Geraldi (1996), e destacamos a necessidade de considerarmos o texto como um lugar de interação. Para isso, trazemos, também, a visão de texto defendida pelos pressupostos da Linguística Textual e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que consideram o texto em seu contexto de uso e defendem a importância da consonância entre as atividades escolares realizadas em sala de aula e as práticas cotidianas dos alunos.

Em seguida, apresentamos as concepções de leitura e de compreensão de textos, à luz dos letramentos, como uma prática que vai além da (de)codificação, ao considerar imprescindível as vivências que cada educando traz, de suas experiências sociais, para a compreensão dos textos.

Nessa perspectiva, discorreremos sobre a importância dos gêneros textuais, destacando a necessidade da inserção da cultura popular e das práticas de oralidade em sala de aula. Para tanto, apresentamos os gêneros *causo e cordel*, que têm íntima relação com a oralidade e com a cultura popular, essenciais para formação integral do educando.

2.1 LÍNGUA, LINGUAGEM E TEXTOS: NOÇÕES GERAIS

A linguagem está intrinsecamente ligada ao ser humano e as suas ações diárias, já que sempre que nos comunicamos estamos usando uma linguagem, seja ela verbal ou não verbal, escrita ou digital. Para Bagno (2014), somos seres feitos de carne, osso e linguagem, ou seja, a linguagem não faz parte apenas do nosso meio social, mas também do nosso “eu”. E nesse ato de comunicação precisamos usar um código linguístico, como é o caso da Língua Portuguesa no Brasil.

De acordo com Marcuschi (2008), a língua, falada ou escrita, é usada segundo as necessidades sociais de cada indivíduo, de acordo com o contexto em que ele está inserido e não se dá de forma isolada, pois ela acontece a partir de unidades maiores, permeadas de sentidos, que são materializadas em textos. Para o autor, o texto é uma unidade comunicativa, um evento que ocorre na manifestação da linguagem, a partir das ações linguísticas, sociais e cognitivas do sujeito. Nesse sentido, os textos acontecem a partir da língua e são construídos pelos sujeitos de acordo com as suas habilidades, experiências e necessidades comunicativas.

Assim, não podemos descontextualizar a língua dos seus usos, pois ela não é abstrata, não está aquém de seus falantes, muito pelo contrário, está intimamente ligada às interações

sociais de seus usuários, confirmando esse pensamento, vejamos o que afirma Barbosa (2015, p. 21) a respeito do conceito de língua:

A língua, portanto, não pode ser definida como um conjunto regras desprendidas do contexto, tampouco se deve considerar que ela serve apenas para constatar ou informar, apregoando o sentido em valores de verdade ou falsidade, pois, apesar de usarmos uma estrutura linguística verbal com regras e símbolos, realizamos enunciados, observando a força argumentativa que uma determinada palavra pode exercer dentro de um contexto de interação.

Nessa visão, entendemos que a linguagem é indissociável das suas funções sociais, culturais e cognitivas. Desta forma, nossos pensamentos coadunam com a percepção apresentada, contudo esse não é um conceito exclusivo sobre língua e linguagem, e para que possamos compreender melhor os desafios que aqui serão postulados, abordaremos um pouco sobre as três concepções de linguagens apontadas por Geraldi (2011).

A primeira concepção, denominada “linguagem como expressão do pensamento”, fundamenta-se na tradição gramatical grega e tem seu rompimento no início do século XX, com o estruturalismo de Saussure. Essa concepção concebe a língua como um sistema de regras acabado e estável e centra-se em um ensino voltado para a metalinguagem e transmissão dos conhecimentos, buscando garantir o domínio da norma-padrão e rejeitando as variações linguísticas. Para Koch (2002), nessa concepção não há uma interação, uma interpretação crítica do leitor/ouvinte, é apenas o dito pelo dito, não cabe ao receptor interpretar, questionar, ele apenas recebe a informação e a aceita passivamente.

Na segunda concepção, “linguagem como instrumento de comunicação”, Geraldi (2011) aponta que esta visão está intimamente ligada ao estruturalismo de Saussure, isto é, a língua está voltada para o estudo do código linguístico, por meio de regras sem que haja nenhuma interação dos sujeitos envolvidos na comunicação com o contexto. Nesse caso, essa concepção foca na transmissão e recepção de mensagens por meio da codificação e decodificação, ou seja, a linguagem é apenas uma ferramenta para transmissão da mensagem.

Dentro dessa vertente, a língua também é imutável, pronta e acabada, por isso não há uma valorização das relações sociais, do meio no qual o sujeito está inserido, pois ela visa apenas o funcionamento interno da língua. O ensino aqui é centrado na decodificação, o aluno não precisa entender determinado texto, apenas ler por meio da decodificação dos códigos ali expostos. É um ensino mecânico que não permite uma reflexão para construção de sentidos do texto.

Na terceira concepção, “linguagem como interação”, o autor afirma a linguagem como

um lugar de interação humana, verbal e social entre os indivíduos. Assim, o contexto social relaciona-se diretamente com os enunciados produzidos pelos falantes de uma língua. Por isso, essa concepção visa um ensino que valorize o uso da língua como instrumento de interação social, que leve o aluno a refletir sobre o meio em que vive.

Ao observar essa concepção, Koch (2002, p. 17) afirma que nela “o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos [...]”. Nessa visão, a linguagem é dinâmica, mutável e reflexiva, permitindo um ensino em que o aluno pode compreender os diversos sentidos de um texto, por meio de reflexões críticas, questionamentos e comparações.

Diante dos expostos, observamos que as duas primeiras vertentes estão centradas numa abordagem de ensino voltada para metalinguística, um ensino desvinculado dos usos sociais da linguagem, que condiciona o ensino da língua ao uso efetivo de regras, o que nos parece uma visão que pouco contribui para formação efetiva do aluno, como ser pensante e crítico.

A terceira concepção, ao valorizar a língua como uma atividade de interação, abre um leque de possibilidades para o ensino de língua na sala de aula, uma vez que se volta para atividades epilinguísticas. Estas valorizam a reflexão sobre o texto e a compreensão de forma contextualizada e associada aos usos, que possibilita a construção de sentidos pelo aluno, pois ele é visto como ser ativo e colaborador no processo de construção do conhecimento. Essa percepção permite, ainda, a manifestação das variedades linguísticas em sala de aula, por meio da expressão individual de cada sujeito, que passa a ser apreciada sem preconceitos.

Para tal concepção, “é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças” (Geraldi, 2011, p. 35). Essa visão contribui para um ensino de língua baseado no seu funcionamento, uma vez que leva em consideração o contexto no qual o sujeito age em suas relações. Dessa forma, a terceira concepção promove um ensino que possibilita uma maior participação e cooperação do sujeito no ensino e aprendizagem, levando-o a tornar-se agente crítico e capaz de interagir e compreender as intenções comunicativas nos diversos contextos que lhe forem estabelecidos.

Essa visão de linguagem está diretamente ligada ao que preconiza a BNCC (2018) quanto ao que o ensino de Língua Portuguesa deve promover na educação básica:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais

permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (Brasil, 2018, p. 67).

Assim, observamos que a BNCC (2018) visa um ensino de linguagem por meio da interação, articulado com os diversos usos e linguagens presentes nas práticas sociais, por defender um ensino fundamentado na abordagem epilinguística da língua, intrinsecamente ligada à concepção da linguagem como interação. No entanto, observamos, por vezes, no contexto de sala de aula, professores embasarem suas práticas pedagógicas nas duas primeiras concepções apresentadas por Geraldi (2011), mesmo que inconscientemente, é evidente a recorrência a atividades focadas na metalinguagem, centradas no domínio da norma-padrão de forma mecanizada, onde o aluno é um mero espectador que precisa absorver o que lhe é ofertado, para, assim, ser aprovado, e acreditamos que essa é uma abordagem equivocada, que tem prejudicado a eficácia do nosso ensino e aprendizagem.

Para Geraldi (2011), uma forte barreira que dificulta o ensino e aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa é, justamente, o esquecimento, muitas vezes, pela escola, de que deve se preocupar da educação também como um problema social, e não só pedagógico como é evidenciado na maioria das vezes. Nessa ótica, os alunos são submetidos a um ensino que não condiz com a sua realidade e com as suas necessidades, o que, não raro, os levam ao desestímulo e conseqüentemente ao insucesso escolar.

Conscientes dessa realidade, precisamos encontrar meios de valorizar as especificidades dos nossos alunos, o seu contexto social e cultural, assim como, reconhecer em sala de aula os diversos letramentos que eles trazem consigo, para que eles sintam-se pertencentes àquele ambiente, pois caso contrário eles se sentirão como estrangeiros, no sentido que não reconhecerão o que é proferido naquele ambiente.

Este pensamento é afirmado por Antunes (2003, p. 28) ao dizer que “muitas vezes o que se lê na escola não coincide com o que se precisa ler fora dela”, ou seja, um ensino que desconsidera os gêneros textuais em circulação, que contempla, primordialmente, a metalinguagem, a gramática normativa e exclui as demais habilidades e competências sociocomunicativas dos alunos. A autora evidencia ainda as variedades linguísticas oriundas da realidade social de cada aluno, dado que cada um deles fala de acordo com o ambiente em que vive.

Sobre esse enfoque, é perceptível que há uma enorme disparidade do ensino de língua com a realidade dos estudantes e com os pressupostos da BNCC (2018), e que alinhar o ensino de Língua Portuguesa ao contexto social e cultural dos alunos é um desafio que precisamos assumir e encontrar estratégias para superá-lo, pois, ao considerar a

responsabilidade ética do mover-se no mundo, Paulo Freire (2020) reconhece que somos seres condicionados, mas não determinados. Reconhece que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro é problemático e não inexorável. Assim, também, o ensino de língua, diretamente ligado à história, não pode ser considerado inexorável, imutável, muito menos quando essa inflexibilidade tem prejudicado diretamente a educação, os educandos e o processo de ensino e aprendizagem.

Por todas essas razões, iremos guiar os nossos estudos ancorados na concepção da linguagem como interação, e tentar entender, nessa perspectiva, os desafios do ensino e aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa, pois essa concepção afirma a importância de um ensino de língua que considere as relações humanas do sujeito e valorize seu contexto sociocognitivo, defendendo a necessidade da interação entre texto, sujeito e meio.

Para entendermos melhor a noção de texto como instrumento de interação, apresentamos, no próximo item, princípios característicos do texto na visão da Linguística Textual e da Base Nacional Comum Curricular (2018).

2.2 CONCEPÇÕES DE TEXTO CONFORME OS PRESSUPOSTOS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL E DA BNCC

Na perspectiva de Marcuschi (2008), o texto é um artefato sócio-histórico, que converge nossas ações linguísticas, sociais e comunicativas, portanto, “o texto é o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são, em geral, definidas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona” (Marcuschi, 2008, p. 72). Nesse caso, o texto resulta da interação entre a linguagem e as nossas práticas sociais e culturais, trazendo consigo nossas percepções e intenções diante do nosso contexto comunicativo.

A Linguística Textual, para Marcuschi (2008), é um ramo da linguística que trata tanto da produção como da compreensão de textos, e que está preocupada com o uso da língua, que por sua vez não se dá de forma isolada e descontextualizada, como em palavras ou frases soltas, mas sim a partir de textos, sejam eles orais ou escritos.

Segundo Koch (2022), a LT considera o texto no seu contexto de uso, ou seja, o texto é visto como lugar de interação, onde realizamos nossas intenções comunicativas, as quais estão baseadas nos conhecimentos adquiridos ao longo de nossas vivências. De acordo com a autora, a Linguística Textual tem como objeto de investigação o texto em seus diversos aspectos, sendo ele a unidade básica de manifestação da linguagem, pois só nos comunicamos

por meio de textos. Nesse sentido, Koch (2022, p. 27), ao abordar a LT, conceitua o texto como:

Uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos coenunciadores, durante a atividade verbal, de modo a permite-lhes, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com as práticas socioculturais.

Nessa perspectiva, os textos resultam das nossas atividades comunicativas e em conformidade com os nossos conhecimentos e as nossas capacidades de construção e reconstrução na interação. Assim, tanto os textos que construímos quanto a nossa compreensão de determinados textos dá-se a partir dos conhecimentos prévios adquiridos ao longo das nossas vivências sociais, culturais, linguísticas e textuais. Daí a necessidade de possibilitarmos aos estudantes o contato com diferentes leituras ao longo da sua trajetória na educação básica.

A Base Nacional Comum Curricular (2018) concorda com o entendimento postulado pela LT, uma vez que a Base defende a necessidade da relação dos textos com os diferentes contextos de uso para um desenvolvimento efetivo das habilidades de linguagem. Para isso, a BNCC (2018, p. 67) afirma que:

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses.

Partindo dessa constatação, entendemos que a BNCC (2018) defende o texto como tendo um papel central no ensino de Língua Portuguesa e que é de suma importância que haja relação entre as leituras trabalhadas em sala de aula e as práticas cotidianas dos alunos.

Ao defender os contextos de uso dos textos, a BNCC (2018) esclarece que é preciso valorizarmos e abordarmos a variação linguística em respeito às especificidades de cada sujeito, pois a língua é heterogênea, e o Brasil possui uma diversidade linguística imensa, sendo assim, há a necessidade de se “respeitar a variação linguística por características sociais, regionais, urbanas e rurais da fala, rejeitando preconceitos linguísticos” (Brasil, 2018, p. 117).

Desta forma, precisamos encontrar meios de diversificar os textos que são apresentados no âmbito educacional, como é o caso dos gêneros literários, que, segundo

Coelho (2000), expressa as experiências humanas de acordo com a sua época e cultura. Na visão da autora, a literatura é uma necessidade vital, porque através dela podemos ampliar e enriquecer nossa experiência de vida, desenvolver nossa criticidade e refletir sobre as práticas sociais e linguísticas do nosso povo ao longo da história.

Para Coelho (2000, p. 51):

No ato da leitura, através do literário, dá-se o conhecimento da consciência de mundo ali presente. Assimilada pelo leitor, ela começa a atuar em seu espírito [...]. Mas, para que essa importante assimilação se cumpra, é necessário que a leitura consiga estabelecer uma relação essencial entre o sujeito que lê e o objeto que é o livro lido.

Esse posicionamento, defendido por Coelho (2000), coaduna com os preceitos do Letramento, o qual defende a relação entre o texto e as práticas sociais. Para um melhor entendimento, segundo Soares (2022), o Letramento envolve o contexto em que as pessoas estão inseridas e as suas relações interpessoais. Nesse enfoque, para que os estudantes exerçam uma leitura com compreensão efetiva, precisamos, enquanto professores, considerar o repertório cultural que ele traz consigo de outras vivências, para que haja uma apropriação de novos letramentos, já que, de acordo com a BNCC (2018), é essencial “proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica” (BNCC, 2018, p.67).

Diante das reflexões apresentadas, no próximo item, sob a perspectiva dos letramentos, trataremos sobre a importância da valorização das práticas sociais no ensino de leitura e de compreensão de textos.

2.3 LEITURA E COMPREENSÃO DE TEXTOS A PARTIR DAS PRÁTICAS SOCIAIS DOS DISCENTES

Pretendemos, neste capítulo, entender os caminhos que os estudos dos letramentos apontam para enfrentarmos e minimizarmos as dificuldades de leitura e de compreensão de textos na sala de aula e, conseqüentemente, nas diversas relações sociais e cognitivas dos alunos.

É nítida, no contexto educacional atual, a preocupação de educadores com a dificuldade encontrada pelos alunos no que se refere à leitura e compreensão de textos, fato evidenciado constantemente na sala de aula, o que contribui negativamente na formação acadêmica e pessoal desses estudantes, uma vez que essa habilidade é requisito da disciplina

de Língua Portuguesa, mas também é de suma importância em todas as áreas do conhecimento, perpassando os muros escolares.

Para Magda Soares (2022), o letramento vai muito além da alfabetização, isso porque não basta apenas desenvolvermos a habilidade de ler e escrever, é preciso saber usar essas habilidades diante dos diversos contextos aos quais fomos submetidos, ou seja, para um letramento efetivo é necessário não só saber ler textos, mas compreendê-los e inferir-lhes sentidos. Sendo assim, pessoas que nunca frequentaram uma escola, mas conseguem compreender placas de trânsito, cartazes, discursos do seu meio de comunicação, já possuem certo grau de letramento acumulado.

Nesses termos, acreditamos que, alunos que ingressam nos Anos Finais do Ensino Fundamental possuem diversos letramentos em sua bagagem, mesmo que tenham dificuldades para ler o que é solicitado em sala de aula, eles já conseguem extrair informações de diversos textos que circulam em seus usos, sejam escritos ou falados.

Desta forma, é preciso considerar esses letramentos no âmbito educacional, não só como valorização dos saberes que os alunos já possuem, mas como aliados no processo de ensino e aprendizagem, pois, como Kleiman (2005) afirma, ao considerarmos as práticas sociais e as diferentes vivências dos nossos alunos podemos ampliar o ensino de leitura e de compreensão de textos, já que há uma ampla riqueza das práticas de letramentos fora da escola, uma vez que os alunos estão em constante processo de interação para se comunicarem em sociedade. Nesse caso, um exemplo, são alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, que vivenciam situações diversas de interação nas relações diárias, as quais exigem deles saberes para compreenderem intenções explícitas e implícitas que os permitam agir no meio ao qual estão inseridos, seja ao ler uma expressão facial ou ao examinar um rótulo de shampoo no supermercado.

Não obstante, tudo isso, perguntamo-nos, por que os alunos ainda apresentam tantas dificuldades em leitura e compreensão de textos na sala de aula, mesmo aqueles que dominam o processo alfabético de decodificação? Acreditamos que tais dificuldades podem estar relacionadas a pouca valorização das práticas de letramento dos alunos na escola, dado que, muitas vezes, ao adentrarem na sala de aula se deparam com textos artificiais que fogem completamente as suas realidades, assim como bem pontua Kleiman (2005, p. 27) “sem vínculo com a realidade social fora da escola, ou seja, abstraídas da situação”, o que, não raro, leva o aluno à falta de interesse e à desmotivação.

Esse ensino descontextualizado da realidade foge ao que dissemina os estudos do letramento, que ampliam a concepção de leitura e compreensão para além da escola e visam à

inclusão dos diversos gêneros no contexto educacional, isso porque o letramento dá relevância aos múltiplos textos em circulação e as suas relações com a vida social, valorizando não só o texto escrito, como também, o oral.

Na perspectiva do letramento, o ensino de leitura e de compreensão precisa estar atrelado aos conhecimentos prévios dos alunos, pois, assim, esses conhecimentos contribuirão no processo de compreensão. Desta forma, o aluno conseguirá fazer associações e inferir sentidos às leituras que realiza, o que não acontece quando ele lê um texto que foge completamente a sua realidade, pois, para Solé (2014), atribuímos significado ao que lemos a partir do que já carregamos na nossa bagagem de conhecimento. Daí a importância da valorização das práticas sociais e da presença de gêneros que coadunam com essas práticas nas atividades em sala de aula.

Ainda, na visão da autora, a leitura e a compreensão estão intimamente ligadas, e só lemos efetivamente um texto quando o compreendemos, desta forma, é necessário que entendamos a importância do ato ler, tão necessário nas diversas facetas da vida dos nossos educandos. Por isso, a relevância do incentivo à leitura de diferentes textos em sala de aula, para que os alunos desenvolvam suas habilidades de compreensão no processo de construção de sentidos, como também, de aquisição do conhecimento, no entanto, vale ressaltar que neste processo não podemos submeter ou exigir do aluno qualquer leitura, porque é preciso considerar a sua realidade e a leitura precisa ser prazerosa e significativa, para que abrace a atenção do discente e aguce o seu desejo em ler outros textos. Vale destacar que ao falarmos em leitura, estamos considerando não somente o texto escrito, pois, de acordo com Martins (2005), há leitura até no agir diante de um empurrão, em que podemos compreendê-lo como uma ação casual ou proposital que ocasiona uma reação de acordo com a leitura realizada.

Para tanto, é preciso partir do que os alunos já conhecem e explorar com eles os diversos textos com os quais eles já mantêm contato, pois sabemos que toda leitura pode ser significativa, e são muitos os textos que circulam diariamente na sociedade com os quais os alunos podem ter familiaridade.

A partir do envolvimento dos alunos com essas leituras, o professor poderá fazer relação entre os gêneros textuais e estabelecer comparações entre os textos, instigando a sua interação e aguçando a reflexão e a compreensão dos educandos. Nesse caso, ao compreender um texto o aluno adquire novos aprendizados e informações, que, por sua vez, lhe permite aproximar-se de outras culturas e entender melhor a sua própria cultura. Dito isto, precisamos expandir as atividades de leitura e de compreensão de textos em sala de aula, em quantidade e em qualidade e carecemos ultrapassar as barreiras que fixam o ensino de leitura e de

compreensão a textos isolados e não autênticos, ou seja, textos sem conexão com a realidade dos discentes, fragmentos textuais usados como pretexto para o ensino de regras gramaticais. Vejamos o que diz a respeito Antunes (2003, p. 79):

Nada poderá justificar uma leitura que não seja a leitura de textos autênticos, de textos que há claramente uma função comunicativa, um objetivo interativo qualquer. Textos que têm autor(es), que têm data de publicação, que apareceram em algum suporte de comunicação social (jornal, revista, livro, panfleto, outdoor, cartaz etc.). Textos reais, enfim.

Assim, entendemos a importância do uso de textos autênticos em sala de aula, que considera as práticas sociais do aluno, possibilitando-o interagir, fazer assimilações com outras leituras e apropriar-se de diversos letramentos. Nesse caso, o contato com diferentes textos, que fazem parte do suporte da comunicação social ou das manifestações culturais, cumpre um papel fundamental para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural dos educandos, visto que esse contato poderá oportunizar um amadurecimento crítico que possibilitará múltiplos caminhos no processo de compreensão textual.

Nesse sentido, acreditamos que, para alcançarmos um ensino exitoso de leitura e de compreensão de textos, carecemos considerar o aluno como protagonista desse processo, pois o seu percurso enquanto leitor é fundamental para que ele possa compreender os textos com os quais manterá contato futuro, sejam esses textos disponibilizados no espaço de sala de aula ou não. Para corroborar com essa afirmação, destacamos o pensamento de Koch e Elias (2008, p. 36) que afirmam que “no conjunto dos conhecimentos constitutivos do contexto, destaca-se o conhecimento de outros textos”.

Como observamos, nossa trajetória diz muito sobre a compreensão que concretizamos de determinado texto e que a quantidade de leituras que efetivamos nessa trajetória tem relevante valor no nosso processo de desenvolvimento intelectual. Assim, essa apreciação dos caminhos trilhados pelo aluno é fundamental para que ele compreenda a sua própria história e se posicione com criticidade e autonomia diante da sociedade em que vive, e esse cenário só será possível com o reconhecimento das especificidades e saberes iniciais de cada discente, para que, a partir desses saberes, ele amplie o seu repertório de conhecimento.

Com esse entendimento, torna-se imprescindível ofertamos aos nossos discentes a oportunidade de terem contato com uma significativa quantidade de textos (sem esquecer a qualidade) durante a sua jornada pelo ensino básico, já que sabemos que nem todos os alunos têm essa oportunidade fora da escola. Possibilitar a leitura de textos autênticos pelos alunos é um ato social, que terá impacto nas relações educacionais, pessoais e políticas da sociedade.

Para Cosson (2021, p. 65), “a interpretação é feita com o que somos no momento da leitura”, ou seja, para agirmos diante de qualquer situação que seja, colocamos em prática nossa capacidade de interpretação, assim, nossas decisões são pautadas nas interpretações que fazemos a partir dos conhecimentos e embasamentos que temos naquele momento, por isso o trabalho com leitura e compreensão textual é fundamental para que os nossos alunos consigam exercer, com consciência e criticidade, sua autonomia na comunidade na qual estão inseridos e possam colaborar para uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

No item que segue, explicaremos como o elo entre cultura popular e oralidade pode contribuir, de forma eficaz, nesse processo de leitura e de compreensão textual.

2.4 A CULTURA POPULAR E A ORALIDADE EM SALA DE AULA

Diante das reflexões já apresentadas, consideramos que há uma lacuna no ensino de Língua Portuguesa, no que se refere à leitura e à compreensão textual, e reconhecemos que essa lacuna está associada, em grande parte, a não valorização da realidade do aluno e à ausência de suas práticas sociais em sala de aula. Em vista disso, entendemos que há uma necessidade da apropriação de situações cotidianas e culturais dos nossos alunos, no contexto educacional, para que eles sintam-se pertencentes a esse ambiente.

Reconhecendo essa situação, acreditamos que a oralidade em sala de aula nos proporcionará tal apropriação, uma vez que essa modalidade é capaz de valorizar tanto o educando quanto as suas práticas diárias, por possuir uma característica inerente ao ser humano. De acordo com Carvalho e Ferrarezi (2018, p. 17), “nossa oralidade nos conecta ao mundo e nos representa como um-ser-no-mundo, um ser peculiar, único [...] Negar a alguém sua oralidade é negar-lhe seu “eu”.”. Desta forma, entendemos que trabalhar a oralidade em sala de aula como forma de desenvolver momentos de fala dos estudantes, no uso de sua criticidade, capacidade argumentativa, reflexiva e levá-los a aprender a se expressar publicamente, colocando em uso essa variedade linguística, é essencial, pois valorizar a sua oralidade é valorizar o próprio educando, é permitir que o aluno seja protagonista e autônomo no seu processo de aprendizagem.

Por todas essas razões, é preciso considerar que tolher a oralidade em sala de aula poderá causar grandes prejuízos ao desenvolvimento cognitivo e social do aluno, levando-o, muitas vezes, ao medo de expressar-se diante de certos públicos. Lamentavelmente, observamos, que, frequentemente, no contexto educacional, o aluno é submetido a atividades

sistematizadas em conformidade com realidades que não coadunam com a sua cultura, ao contrário, estigmatizam e censuram seus costumes e práticas sociais.

No caso de crianças oriundas de comunidades que se baseiam na comunicação oral, muitas vezes, chegam à escola com uma rica carga cultural, enraizada na oralidade, no entanto não têm suas experiências valorizadas. Com relação a essa realidade (Azevedo, 2006, p. 2) afirma que “[...] toda uma mentalidade, uma cultura e uma tradição popular e oral são desprezadas, embora estejam altamente disseminadas em todos os segmentos da sociedade”. Para o autor, esse ato preconceituoso leva a criança a uma situação cruel, em que ela sente a necessidade de desprezar sua linguagem e a sua cultura familiar, que é “errada”, para aprender a linguagem padronizada pela escola, a “correta”, baseada em uma cultura com a qual a criança não tem familiaridade, o que, evidentemente, dificultará o seu processo de aprendizagem e o seu desenvolvimento efetivo e cognitivo. Com isso, não queremos dizer que a norma-padrão não deve ser considerada na escola, já que no Brasil nós não falamos como escrevemos, nem escrevemos como falamos. O que questionamos é a pouca valorização dada à oralidade.

Nesse contexto, pensamos que atividades de leitura de textos orais pertencentes à cultura popular são primordiais. Sendo que a cultura popular está fortemente ligada à oralidade que é um patrimônio intrínseco do ser humano. A cultura popular permeia a compreensão de mundo que adquirimos ao longo da nossa trajetória, portanto, ela está enraizada nas nossas crenças, na nossa fala e nas nossas ações.

É importante destacar que nossos valores culturais, sociais e pessoais estão intimamente ligados à cultura na qual estamos inseridos, assim, o que é interessante ou importante para determinado grupo pode não ser para outro, em outros termos, nosso agir sempre será afetado pelas culturas que abraçamos, mesmo que esse abraçar seja inconsciente. Para Cascudo (2006, p. 29) “não há povo que possua uma só cultura”, isso significa que a cultura popular de um povo teve influências de diversas culturas com as quais aquele povo manteve contato ao longo da história, contudo cada povo consolidou peculiaridades próprias. Essas peculiaridades estão presentes nas interações dos alunos e na compreensão que eles têm de determinado texto e precisam ser levadas em consideração e valorizadas.

Em vista disso, enxergamos a cultura popular como valiosa aliada no processo de ensino e aprendizagem, sendo que ela é riquíssima em culturas que fazem parte da realidade dos educandos. Assim, na nossa prática de sala de aula, não podemos focar em abordagens que utilizam apenas textos pertencentes a culturas que não refletem a realidade dos alunos, pois essas abordagens estigmatizam a cultura popular e interioriza nos alunos um falso

conceito de que a sua cultura é pobre e que a sua fala é errada, o que acarreta na dispersão do preconceito linguístico e prejudica a oralidade dos alunos.

A cultura popular brasileira é rica em suas variedades, reúne uma diversidade de saberes conquistados pelo nosso povo ao longo da história e agrega fortes influências de outras tradições, como de culturas africanas e indígenas. Ela inclui a poesia, o folclore, a dança, a música, o artesanato, as festas, a culinária, entre outras manifestações. Para Luyten (1992, p.8), “a cultura popular abrange todos os setores da vida de um povo”, desta forma, é fundamental incorporá-la ao conhecimento acadêmico, para que a partir dela nossos jovens pensem criticamente sobre suas relações sociais e as maneiras de agir no meio em que vivem.

Para Brandão (2008), a cultura popular, ao ser inserida no contexto educacional, é capaz de resgatar toda uma riqueza de experiências contidas nas diferentes formas de compreender e interpretar o mundo. Para o autor, as culturas humanas são múltiplas e cada pessoa é uma fonte original de saber dos costumes e crenças do seu povo, desde cedo adquiridos. Por isso, para ele, “nada mais errado do que dizer: esse homem não tem cultura nenhuma. Nada mais equivocado do que dizer: essa é uma gente sem cultura” (Brandão, 2008, p. 33). Isso porque, todo ser, inserido em determinada sociedade, guarda memórias vividas e experiências adquiridas ao longo da sua vida.

Não obstante, a cultura esteja fortemente presente na vida do homem, a sociedade ainda carrega consigo o estereótipo que cultura é um bem imaterial restrito a poucos. Talvez, esse equívoco se dá pela grande valorização que damos a determinada cultura, em detrimento a outras, como é o caso da cultura popular nordestina, que tem encontrado pouco espaço no ambiente educacional. Diante desse contexto, é essencial voltarmos nossos olhares para nossa cultura, valorizando-a e, como agentes culturais que somos, fazer com que a sociedade e os nossos alunos apreciem e reconheçam o seu potencial. Nesse sentido, vejamos o que diz Brandão (2008, p. 76):

Difícil saber quem somos se não aprendemos na escola o valor cultural e artístico de nossa formação que reuniu, e continua reunindo, vários jeitos, conhecimentos e modos de fazer; e que esta mistura de gentes pode ser nosso grande potencial, potencial criativo que cria formas de comunicação e arte, formas de cultura.

Acreditamos assim, que há uma necessidade de fazer com que os alunos enxerguem que a sua cultura é tão importante quanto às propagadas nos livros didáticos. Ela carrega riquezas incalculáveis como toda cultura, pois, como bem pontua Magda Soares (2021), nenhuma cultura é superior ou inferior à outra, elas são diferentes, e cada uma tem sua complexidade e riqueza. Portanto, para que os alunos tenham ciência do valor da sua cultura,

da sua fala, nós, enquanto professores, precisamos expressar isso na sala de aula, por meio de situações que valorizem seus costumes e tradições.

Para formamos cidadãos críticos, conscientes e autônomos é fundamental que esse cidadão seja valorizado social e culturalmente, e para valorizarmos alguém é necessário conhecê-lo, e só conhecermos o outro quando nos permitimos ouvi-lo com respeito as suas diversidades. Não se pode dizer que o aluno é reconhecido em sala quando só quem tem o direito à fala é o professor, se quando o aluno fala não é para ser ouvido, mas para ter a sua “gramática” corrigida diante dos padrões sistematizados, padrões que, muitas vezes, ainda fogem ao entendimento do aluno. Como não temer quando me pedem para falar, se não sei falar? É esse o sentimento que paira na cabeça daquele que tem sua fala sempre corrigida por não falar conforme os padrões estabelecidos.

O aluno, cercado com as visões de que sua cultura não é suficientemente boa, de sua língua é errada, de que não consegue aprender os padrões linguísticos e culturais corretos das classes dominantes, se nega a participar do processo interacional, [...] em sala de aula. (Leite, 2011, p. 25).

Na visão de Leite (2011), percebemos o quanto é fundamental a inserção da cultura popular e da oralidade na sala de aula, para que não haja um silenciamento dos alunos e para que eles possam interagir com autonomia e protagonismo. Por isso a importância de um trabalho que agregue a oralidade e a cultura popular na sala de aula, pois estamos cientes que um trabalho pautado nesses pressupostos será capaz de dar voz aos educandos, levando-os a um protagonismo efetivo, capaz de disseminar a sua cultura no meio em que vivem com dignidade, respeito e consciência.

Contudo, o trabalho com a cultura popular e a oralidade em sala de aula tem as suas especificidades, portanto, deve ir além de simples conversas entre alunos/aluno, professor/aluno. Para que haja um trabalho efetivo com a oralidade e a cultura popular é preciso planejamento e seleção de atividades ordenadas por meio da fala, da escuta e da reflexão, atividades que evidenciem a variação linguística sem preconceito.

2.4.1 Variação e preconceito linguístico

O Brasil possui uma extensão territorial imensa e está dividido por regiões com culturas totalmente diferentes, por isso a variação linguística faz parte das especificidades culturais de cada região e de cada comunidade. Dessa forma, acreditamos que a variação

precisa ter um espaço privilegiado na sala de aula, pois ela reflete o que nós somos, por meio dela percebemos a diversidade do falar nas diversas regiões e comunidades do nosso país.

Com base na sociolinguística, Coelho (2015) divide a variação linguística quanto a sua dimensão externa em quatro tipos: variação regional ou geográfica (diatópica), que decorre da localização dos falantes; variação social (diastrática), que está ligada ao grau de escolaridade, ao nível socioeconômico, ao sexo e a faixa etária de cada falante; variação estilística (diafásica), que remete ao nível de formalidade ou informalidade que utilizamos de acordo com o domínio social em que estamos inseridos; variação entre a fala e a escrita (diamésica), que evidencia as diferenças entre o meio falado e o meio escrito.

Para a autora, essas variações não acontecem, necessariamente, de forma separadas, ou seja, a língua é rica em variação e são diversos os fatores que conduzem às variedades usadas por determinados falantes da língua. Desta forma, não podemos negar aos nossos alunos o contato com a variação, ao contrário, precisamos evidenciá-la no âmbito educacional, até mesmo para romper com o estigma social atribuído a algumas variedades e, assim, desmistificar a ideia de que as pessoas que não falam de acordo com a norma-padrão não sabem falar a Língua Portuguesa, pois esse mito leva ao preconceito linguístico, tão disseminado no Brasil e que está fortemente vinculado ao preconceito social e econômico.

Para Bagno (2015, p.114):

[...] os preconceitos, como bem sabemos, se impregnam de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que alguém comece a reconhecer suas próprias atitudes e passe a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito.

Por isso, há a necessidade de dialogarmos sobre o preconceito linguístico no âmbito educacional, de torná-lo “visível” à sociedade, uma vez que ele exclui e estigmatiza, e só podemos enfrentá-lo ao admitirmos a sua existência, o que, segundo Bagno (2015), não tem acontecido, pois, para o autor, poucas pessoas admitem o preconceito linguístico na sua gravidade social. Assim sendo, acreditamos que precisamos começar disseminando esses estudos no seio escolar, mais especificamente com os docentes de Língua Portuguesa, para conscientizar os professores da necessidade de se trabalhar a língua de forma ampla.

Com isso, não queremos eximir os professores de ensinarem a “variedade padrão”, de ensinarem a gramática normativa, mas que, como coloca Irandé Antunes (2007), sejam ensinadas sem equívocos. Uma vez que sabemos que a norma socialmente prestigiada não é a

única norma linguisticamente válida e a língua e a gramática não se equivalem, porque a língua é muito abrangente, ela é viva e dinâmica e não podemos limitá-la a um padrão.

De acordo com Bagno (2015), precisamos abandonar a ideia de que apenas determinada comunidade de falantes sabe falar o português, ou o fala melhor. Para o autor é preciso respeitar igualmente todas as variedades da língua, pois não há uma variedade melhor ou pior que a outra, todas elas constituem um tesouro precioso da nossa cultura. Ressaltamos que o problema não é ensinar a norma-padrão, mas como ensiná-la. Para o autor, não podemos mais recorrer exclusivamente à gramática normativa como sendo única fonte de explicação para os fenômenos linguísticos. Assim sendo, as aulas de Língua Portuguesa devem contemplar a norma-padrão e as demais habilidades e competências sociocomunicativas dos alunos, evidenciadas nas variedades linguísticas oriundas da realidade social de cada um, pois, na realidade, como afirma Irandé Antunes (2003), as pessoas não falam nem escrevem sempre do mesmo jeito, a maneira como falamos ou escrevemos depende do contexto no qual estamos inseridos.

Assim sendo, é fundamental que nossos alunos possam refletir sobre a variação para que eles entendam a necessidade de adaptarem a sua fala de acordo com as situações as quais possam ser submetidos, para que eles sejam capazes de interagir, negociar e comunicar-se em grupo, compreendendo e analisando informações em diferentes contextos e momentos na sociedade. Essas competências e habilidades, por sua vez, só serão desenvolvidas por meio de um ensino em conformidade com as práticas sociais dos educandos.

Nesse contexto, evidenciamos a importância de valorizarmos as variedades linguísticas usadas pelos alunos, levando-as para sala de aula por meio de metodologias que abordem essas diferenças, que compare as variedades que utilizamos, sem preconceito, para que haja o reconhecimento do contexto cultural no qual os alunos estão inseridos.

Acreditamos que, por meio dos diferentes gêneros textuais, podemos desenvolver atividades significativas que deem visibilidade a variação linguística e cultural de nossos alunos, pois de acordo com Hérica Paiva (2014, p.2) os gêneros textuais “representam a interdisciplinaridade encontrada nos fenômenos sociais, cognitivos e linguísticos que possibilitam o desenvolvimento da leitura e da escrita nos mais diferentes contextos”.

A partir desse posicionamento, no próximo item, faremos uma breve explanação sobre os gêneros textuais e refletiremos sobre dois gêneros que estão consolidados tanto na oralidade quanto na cultura popular nordestina, e poderão ser fortes aliados no processo de ensino e aprendizagem, possibilitando aulas de leitura e compreensão textual que valorizem a realidade dos nossos alunos.

2.5 OS GÊNEROS TEXTUAIS NAS PRÁTICAS DE SALA DE AULA

Sabemos que todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com a língua, através de enunciados marcados pela necessidade de comunicação que as pessoas possuem, sejam eles orais ou escritos, ou seja, através de textos. Nessa vertente, Bakhtin (2003, p. 71) afirma que: “onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento”, isso porque, o texto é a fonte primária, a realidade do pensamento e das vivências.

O autor ainda esclarece que todo enunciado, relativamente estável, se materializa em um ou mais gêneros. Ou seja, os gêneros se constroem a partir das interações e especificidades comunicativas dos falantes, daí a riqueza dos gêneros, sendo que eles surgem e evoluem conforme as atividades humanas se desenvolvem.

Atualmente os gêneros textuais vêm ganhando destaque no cotidiano educacional, os livros didáticos abordam diversos gêneros para contextualizar os conteúdos programáticos, em grande parte, a valorização dos gêneros nos livros didáticos dá-se, principalmente, pela necessidade de adaptação desses materiais às exigências apresentadas na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), pois ela imprime que, diante da sua relevância de circulação nas diversas esferas sociais, os gêneros:

Devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas. (Brasil, 2018, p. 67).

Assim, a BNCC (2018) expõe e exige a presença dos gêneros textuais na sala de aula, tendo em vista que eles permitem um ensino mais dinâmico e contextualizado, capaz de favorecer o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos. Contudo, apesar da BNCC (2018) tornar exigência a presença dos gêneros na educação básica, esse não é um pensamento novo, porque os PCN (1998) já viam na diversidade dos gêneros possibilidades para um ensino mais diversificado e relevante, já que eles estão transversalmente ligados aos textos em circulação nas nossas relações comunicativas. Nessa vertente, o trabalho com os gêneros permite aos alunos terem contato com diferentes tipos de leituras ligadas às suas práticas sociais e, portanto, significativas para eles.

Nesse mesmo pensamento, Marcuschi (2008, p.154) defende que “é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto”, ou seja, se há comunicação verbal, há texto, se há texto, há

gênero textual.

Destarte, acreditamos que a partir dos diversos gêneros em circulação no nosso meio social, podemos tornar o ensino de leitura e compreensão textual bem mais dinâmico e atraente para o aluno. É certo que tal perspectiva já vem sendo difundida no meio educacional, atitude que consideramos plausível para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, contudo, apesar da grande disseminação dos gêneros em sala de aula ainda sentimos falta da inserção de gêneros que fazem parte da cultura popular. Pouco nos deparamos com esses gêneros nos livros didáticos e quando os encontramos é de forma bem superficial. Talvez, esse fato se dê pelos livros distribuídos no interior nordestino serem os mesmos recebidos por escolas das capitais do Sul e do Sudeste, o que pode explicar a generalização dos gêneros veiculados. Contudo, se os gêneros se manifestam na comunicação são, evidentemente, afetados pelas variedades culturais dos povos, portanto a relevância que um gênero tem em determinada região pode não ter em outra, o que explicaria a ausência de gêneros típicos de determinadas regiões ou culturas, como é o caso dos gêneros *causo e cordel*.

Nesse sentido, ao levantar alguns questionamentos sobre os gêneros privilegiados nos livros didáticos e a importância da cultura local e regional, Marcuschi (2008, p. 172) diz que “se deveria oferecer um ensino culturalmente sensível, tendo em vista a pluralidade cultural. Não se deveria privilegiar o urbanismo elitizado, mas frisar a variação linguística, social, temática, de costumes, crenças, valores etc.”, ou seja, um ensino pautado no respeito à diversidade, que considere as práticas sociais, a cultura popular e as especificidades de cada aluno.

Nessa perspectiva, iremos abordar a seguir dois gêneros textuais que estão intrinsecamente ligados à cultura popular nordestina e à oralidade, os quais poderão nos permitir desenvolver propostas, que possibilitem o desenvolvimento da leitura e da compreensão textual na sala de aula, em consonância com a cultura dos educandos.

2.5.1 O gênero *causo*

O gênero *causo* tem forte ligação com a oralidade, pois nasce das relações orais de um povo, por sua vez teve grande influência na disseminação da cultura popular ao longo da história. Muito do que conhecemos hoje foi perpassado de geração em geração pelos nossos ancestrais, bem antes do surgimento dos primeiros textos escritos, que no caso do português, de acordo com Paul Teyssier (2014), surgiram apenas no século XIII. Assim, acreditamos que

o causo é um gênero de grande importância, sendo que está enraizado na história do nosso povo e tem profunda relação com o contexto social e cultural das comunidades onde são difundidos.

Os causos fazem parte da literatura oral, que, segundo Cascudo (2006, p. 19), “tem incomparável vitalidade no espírito popular que a guarda”. Embora este gênero seja primordialmente transmitido na oralidade, já temos vários autores que o trabalham na modalidade escrita. Entre eles, temos o próprio Câmara Cascudo, que reúne nas suas obras uma grande antologia de contos e causos populares brasileiros; Jessier Quirino que em meio aos seus versos e poesias, também nos apresenta diversos causos “vividos ou ouvidos”; Ribamar Lopes que compartilha, em seu livro *Quinze Casos Contados* de 1985, causos ouvidos e retextualizados.

Vejam os exemplos de causo escrito, retirados da obra Berro Novo de Jessier Quirino que é, segundo o autor, baseado no causo “do Cardúco e a Cascavé de cumpade Sergio Caveira” (Quirino, 2009, p. 37):

Problema Cardúco

Jessier Quirino

Mas cumpade véi, eu vou dizer um negócio a vocês: uma coisa que não existe no sertão é pobrema cardúco! O pobrema cardúco é uma doença que se adquire com o vírus da letra I: Imposto de renda; IPTU; ICMS; implacamento de carro; ingarrafamento e istresse! Essas são as palavra que causa pobrema cardúco; E no sertão não tem essas palavra! Aí mãe disse: Pedro, tu cuida no teu pobrema cardúco, que tu tá passando da idade; aí eu fui pra Campina Grande, procurei um doutor coraçãozista.

O doutor mandou eu desembestar em cima duma correia, com duas bengala pra segurar. Aí eu subi na correia e ele começou a botar a correia pra desembestar; e eu desembestei em cima da correia, eu disse: Bote correia! Aí ele botou correia, e eu comecei a desembestar, o doutor disse: Tá cansado? Eu disse: Ochen! E houvera d’eu me cansar pruma correia? Se eu vou todo dia no Alto dos Bodes buscar lenha; se eu vou todo dia no Riacho dos Caçote buscar água, houvera d’eu me cansar pruma correia!? Bote correia, doutor! Aí o doutor botou correia, botou correia, botou correia... Aí eu desembestei em cima da correia e fiquei lá... E fui na pisadinha, na pisadinha, na pisadinha... Quase que mato a correia de cansaço. Ela ficou toda mole, botou pra esquentar, o doutor disse: Senta aqui nessa cama.

Botou umas chupetinha nos meus peito, ligou a televisão do computador, e eu assisti meu coração funcionando. A coisa mais linda do mundo é um coração funcionando. Aparece na telinha assim, uns risquim pra cima e pra baixo: um trisco, um pum e uma linha. Um trisco, um pum e uma linha, um trisco, um pum e uma linha... O doutor me deu o resultado num papé, eu botei numa moldura e dei de presente à mãe. Mãe botou na parede de lado do Coração de Jesus. O Coração de Jesus com uma coroa de espinho e o meu com um trisco, um pum e uma linha.

Passado uns cinco, seis mês, aí mãe disse: Ô Pedro, tu sabe que tá vindo pro sertão pra desanuviar de um pobrema cardíuco? Aderaldo, teu primo! Aí eu disse: Ahhh, mãe, Aderaldo foi pra São Paulo quando era menino! O pau que mais tem em São Paulo é o vírus da letra i: ingarramento, istresse!.. Essa palavra, istresse, é de São Paulo! Todo mundo lá tem essa palavra istresse, mãe!! Eu só conheço um nordestino que foi pra São Paulo que não pegou essa palavra istresse. Foi Luiz de Lindu. Luiz de Lindu só teve um istresse na vida: foi quando ele cortou o dedo. Cortou o dedo num acidente, aí pronto. Ficou por ali e vai e coisa, aí começou: A fundar sindicato, fazer greve, bater de frente com o patrão, fundar partido, tomar cachaça, chegou a presidente da república e não tem pobrema cardíuco, mãe! Mas diga a Aderaldo que venha simhora... Diga a Aderaldo que venha simhora!

Aí, nisso, Aderaldo chegou. Eu disse: Aderaldo, que foi que tu tivesse em São Paulo? Ele disse: Eu tive um pobrema cardíuco; o doutor fez um caceterismo, e disse que eu não tivesse istresse e que comesse uma comida rica em ferro! Aí eu disse: Você veio pro lugar certo! Porque o sertão não tem istresse; você vai tomar sopa de feixe de mola de caminhão, suco de radiador de rural, e mãe vai fazer sandália japonesa no leite de coco, que é rica em borracha! Você vai ficar com o coração novo, e nós vamos fazer coisa que num dá istresse: pasturar passarim em balde de açude e pescar.

Nós tava no Riacho dos Caçote pescando, quando eu dei por fé Aderaldo pufo! Teve um piripaque. Eu disse: Meu Deus do céu, Aderaldo vai ter um pobrema cardíuco! Aí ele levantou e disse: Não, Pedro. Eu não tive um pobrema cardíuco, eu tive UM istresse! Eu disse: Que diabo de istresse, Aderaldo!!! Tu não sabe que o sertão não tem essa palavra istresse! O sertão é mais tranquilo do que Nossa Senhora rezando, balançando os pés numa nuvem!!! Aí ele disse: Eu tive um istresse com essa cascavé, que tá nos meus pés balançando o maracá!

Marrapaz! Quando eu olhei pros pés de Aderaldo, tinha uma cascavé da grossura de um vidro de Inez Café!... Eu tive uma raiva tão da molesta dessa cascavé, rapaz! Porque foi uma irresponsabilidade dela! Tá entendendo? As cascavé, num raio de dezoito léguas da fazenda do meu pai; elas tudim conhece os Rodrigue de Medêro, e não tinha nada que essa cascavé tá nos pés de Aderaldo, que ela sabe que Aderaldo é Rodrigues de Medêro e sabe que Aderaldo é meu primo.

Aí eu botei um olhar de guerra pra cascavé! Quando ela viu meu olhar de guerra... aí disse: Ehhhh! Porque não- sei-quê... Eu disse: Não-sei-quê, não! Você tá errada!!!! Aí ela disse: Não, nunseiquê... Eu disse: Você tá errada! Aí ela queria correr. Quando ela preparou pra correr, eu botei o pé; aí ela subiu pra me morder, rapaz! Aí eu dei de garra com ela com a mão, peguei ela assim pelo pescoço, dei-lhe umas tapa nas urêa e disse: Cascavé, fila da puta!! Tu quer me matar de vergonha, quenga safada! Tu quer que o povo pense que o Riacho dos Caçote é o Rio Tietê, e que esse balde de açude é a Avenida Paulista, quenga safada!!! Tu não sabe que Aderaldo tem pobrema cardíuco!!! Aí ela botou a linguinha pra fora e disse: “Disculpe!”

Rapaz, Aderaldo fez: vupt!!! Rapaz, ele deu um pique tão cachorro da mulesta, que encheu o bolso da camisa de terra e ralou a urêa no chão. Chegou lá no posto de saúde botando os bofe pra fora. Aí o Doutor disse: O senhor tá sentindo falta de ar? Aí ele disse: Não! Eu tou sentindo falta de São Paulo!!! Aí nisso eu foi chegando, eu disse: É... deixe, deixe, deixe, deixe ele ir pra São Paulo... Deixe ele ir pra São Paulo, porque um cabôco que não pode ver uma cascavé pedindo desculpa a um sertanejo, um cabra desse tem mais é que tá pra São Paulo; deixe ele ir...deixe ele ir! Aí pronto, Aderaldo foi simhora; nisso o doutor me chamou: Ei, vamos acertar as conta? Eu disse: Vamo!! Aí o doutor disse: Tem plano de saúde? Eu disse: Tem não!!! Ele não tinha

plano de adoecer!!! Aí ele disse: Home, Qué saber duma coisa? Vá simbóra, vá simbora!... Aí eu disse: Ochên! Parece que pegou ar!!!

QUIRINO Jessier, Berro Novo, Recife: Bagaço, 2009.

A partir da leitura do causo, podemos observar a forte ligação desse gênero com a oralidade, mesmo quando apresentado de forma escrita, ele mantém as marcas linguísticas da oralidade do povo da região onde foi contado, ou seja, não perde a sua essência, pois, embora esteja materializado na escrita, o causo é pensado para ser contado de forma oral. A partir desse causo, observamos, também, o quanto ele é dinâmico e capaz de prender a atenção do seu público.

No entanto, apesar da sua grandeza e relevância histórica e social, o causo vem perdendo espaço diante do avanço tecnológico e das mudanças proporcionadas por ele. Sendo assim, hoje são raras as pessoas que se reúnem nas calçadas ou salas das suas casas para ouvirem os mais velhos difundirem o saber popular oral, e tal realidade tem gerado um apagamento dessa cultura tão rica.

Segundo Silveira (2004), o divertimento que constituía o ouvir histórias foi perdendo espaço para televisão e para os jogos, que têm um forte apelo visual por meio de imagens animadas. No seu estudo, a autora compartilha que um contador, durante conversa com ela, relatou que “se enquanto ele fosse contando, as coisas fossem aparecendo na tela da TV, a história ficava mais bonita e todo mundo queria assistir e ouvir as histórias.” (Silveira, 2004, p. 455).

Na época, a preocupação do contador era com a TV, hoje temos inúmeros atrativos advindos do desenvolvimento tecnológico e da ascensão da internet, principalmente pelo uso do celular, que possibilita o acesso a uma infinidade de informações, filmes, vídeos, notícias, jogos, etc., a qualquer hora e em qualquer lugar. Contudo, acreditamos que na mesma proporção que essas inovações nos afastam dos causos elas podem nos aproximar deles. Tomando como base o relato do contador acima citado, hoje podemos concretizar o que na época não era possível, a tecnologia nos permite produzir vídeos em que imagens aparecem na tela a partir da contação dos causos, e isso já acontece na prática. Como exemplo, podemos citar o canal de *Youtube* “Causos de Cordel”, que apresenta vários causos contados com associação a imagens.

Figura 1- Causo contado com associação a imagens



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=r4UkNge6Noo>

Além desse canal, podemos citar vários autores que têm os seus causos compartilhados em redes sociais, a exemplo de Rolando Boldrin, um dos maiores contadores de causos do Brasil; Geraldinho Nogueira, que tem seus causos amplamente divulgados no *youtube*; o ilustre escritor Ariano Suassuna, que embora não se identificasse como contador de causos, recorrentemente, em suas palestras, presenteava sua plateia com a contação de causos vividos, os quais estão penetrados na memória de muitos admirados; Jessier Quirino, paraibano de Campina Grande – PB, já mencionado pelos seus causos escritos, mas que também divulga causos e poesias tanto no *Youtube* quanto na rede do Instagram. O próprio causo “Problema Cardíaco” lido acima pode ser apreciado em vídeo no seu canal. Vejamos alguns desses canais que divulgam a contação de causos:

Figura 2 - Causo “Problema Cardíaco” - Canal do *Youtube* de Jessier Quirino

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6yF9O-7WVO0&t=138s>

Figura 3 - Contaçon de causo por Rolando Boldrin



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=z7ol0s66CpQ>

Figura 4 - Causos de Ariano Sussuna



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Sd4Klj5Drcs&t=93s>

Figura 5 - Causo do Geraldinho



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0uKJxlzz52E&t=30s>

Percebemos assim, que a contaçon de causos permanece e tem acompanhado as transformações sociais da nossa época. Ayala e Ayala (1995, p. 20) confirmam esse pensamento ao afirmarem que “as práticas culturais populares se modificam juntamente com o contexto social em que estão inseridas, sem que isso implique necessariamente sua

extinção”. No entanto, apesar dos causos acompanharem a dinamização da sociedade, e serem de fácil acesso, observamos que muitos dos alunos que adentram, atualmente, no Ensino Fundamental Anos Finais, não têm vivenciado a contação de causos, eles têm esse direito negado, em casa, diante da correria diária dos seus familiares, e na escola, pois muitas vezes, o programa da instituição particulariza os estudos dos gêneros escritos e suprimem aqueles fundamentados na oralidade.

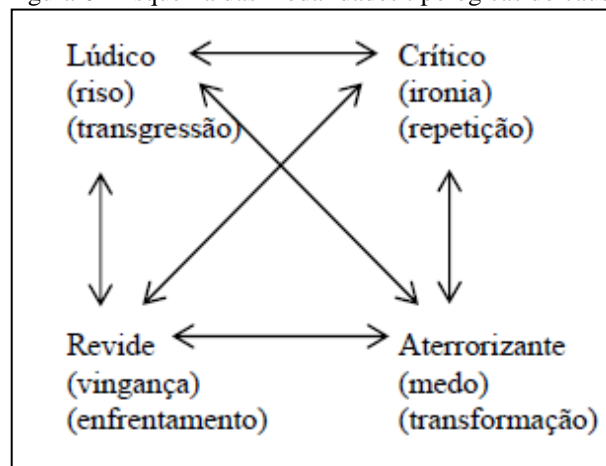
Não obstante a pouca visibilidade dada ao causo, é um gênero consolidado nos falantes de qualquer cultura, pois eles constituem as experiências vividas por um povo em determinado tempo e espaço, ou seja, tem significativa proximidade com as práticas de letramentos que exercemos diariamente.

Diante dessa conjuntura, e cientes do papel enorme que a escola exerce na promoção do conhecimento, acreditamos, portanto, que a escola é ambiente propício para propagação desse gênero tão rico e capaz de auxiliar no desenvolvimento das práticas de letramento dos nossos alunos.

Quanto a sua estrutura, segundo Batista (2007), o causo é uma narrativa simples e concisa, na qual os personagens, na maioria das vezes, são pessoas conhecidas do contador, porém podem exibir seres sobrenaturais, como lobisomens e assombrações. Geralmente apresentam exageros que levam o ouvinte a duvidar da veracidade do contado e podem estar presentes em elementos cômicos ou trágicos, com intenção de exemplificar ou por simples divertimento.

Para Oliveira (2006), o causo constitui um gênero próprio que apresenta quatro categorias: lúdica, que explora o riso; crítica, que se sustenta na ironia; revide, que evidencia a vingança; aterrorizante, que desperta o medo.

Figura 6 - Esquema das modalidades tipológicas do causo



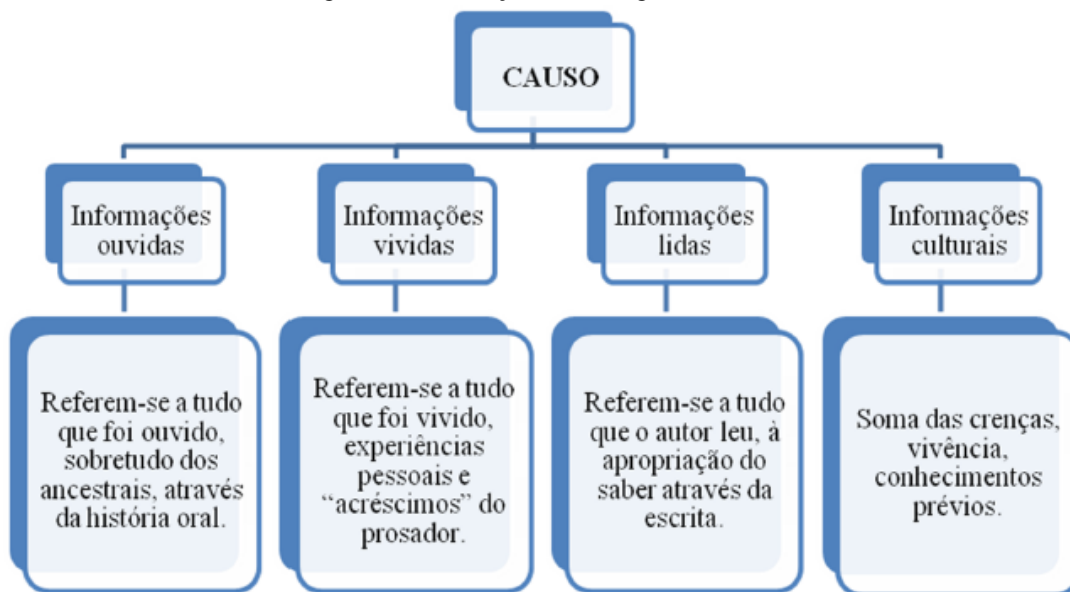
Fonte: Oliveira (2006, p. 113)

Na tipologia do lúdico, segundo o autor, prevalece a transgressão, com intuito de alcançar o riso, ou seja, há nos causos que se ajustam a essa tipologia, um afastamento do habitual, gerando espanto e quebra às expectativas de quem ouve, pois a narrativa foge ao que se entende por comum. Já o aspecto crítico tem foco na ironia e explora, em alguns casos, costumes e estereótipos sociais. O revide centra-se em situações de disputas argumentativas, com um viés de vingança que, geralmente, está ligada à palavra e não ao aspecto físico, um exemplo deste é o entrave entre um representante importante da sociedade e um caipira, em que este sempre consegue enganar e desmoralizar o outro com os seus argumentos. Por último, temos os causos aterrorizantes, como o próprio nome já evidencia, com o intuito de causar terror. Estes buscam, por meio do medo e da alusão à morte, levar à transformação de pessoas por meio de exemplos trágicos.

De acordo com Nantes (2014), apesar da forte presença do sobrenatural no caso, ele não pode nunca perder o elo com a realidade, porque este é o aspecto principal deste gênero, uma vez que é justamente diante da possibilidade do real que o contador de caso consegue envolver os expectadores de tal forma que eles passam a serem coautores da narração. Vale destacar, que diante da reação dos ouvintes, o discurso veiculado no caso pode até sofrer alterações, pois no decorrer da contação o ouvinte poderá questionar o contador sobre os fatos, com frases do tipo: mas como ele fez isso? E onde aconteceu? Etc. Diante disso, o contador de causos vai acrescentando informações a sua história, de acordo com as suas vivências e perspicácia, sempre com o intuito de convencer o ouvinte da veracidade dos acontecidos.

Diante de seus estudos sobre causos, Elisa Nantes (2014) elaborou um organograma com uma síntese de informações sobre o gênero, vejamos:

Figura 7 - informações sobre o gênero causo



Fonte: Nantes (2014, p. 129)

Observamos no organograma a riqueza que os causos detêm, pois são frutos das experiências culturais vividas, ouvidas ou lidas ao longo da história de um povo, refletindo, assim, suas marcas sociais, culturais e linguísticas. Os causos, sejam reais ou fictícios, são repletos de conhecimentos.

Entendemos, assim, que o gênero causo tem um forte potencial de encantamento, pelo modo como é contado, além de apresentar narrativas simples e concisas, ligadas ao contexto social e ao mesmo tempo ao sobrenatural, o que seria interessante em sala de aula. Ademais, o gênero causo está fortemente ligado à variação linguística, sendo que o contador de causo se utiliza da linguagem popular, usando sotaques e variedades típicas da região na qual está inserido, possibilitando a percepção das marcas linguísticas daquela região.

Diante de tais características, acreditamos que o gênero causo é tão rico quanto os diversos gêneros escritos em circulação e que ao trabalharmos com este gênero poderemos enriquecer e diversificar o trabalho pedagógico em sala de aula, pois o causo se articula com diversas manifestações culturais e pode agradar diferentes públicos, uma vez que engloba categorias tão distintas. Por meio desse gênero, além de valorizarmos o aspecto histórico, cultural e social do nosso povo, poderemos direcionar nossos olhares para as singularidades lúdicas que o causo pode proporcionar ao contexto educacional.

2.5.2 O gênero cordel

Para Curran (1998), o cordel é um gênero enraizado na oralidade e funciona como uma crônica poética do povo nordestino e da história nacional, relatada a partir de uma perspectiva popular, numa mistura de fato e ficção, o cordel informa, diverte e ensina.

É um gênero rico em rimas, com temáticas diversificadas que, entre outras, abrangem histórias de amor, de aventura, de caráter social e histórico, que ora recorre ao senso comum, ora ao cunho religioso, picaresco e crítico, mas sempre escrito em versos harmoniosamente distribuídos em estrofes bem ritmadas. A literatura de cordel, também chamada de folhetos, geralmente, mede 11 x 16, forma tradicional, com número variado de páginas sempre múltiplas de 4 com 8, 16, 32, 48 ou 64 páginas.

Quanto à forma deste gênero, de acordo com Viana (2010), há algumas modalidades que variam em consonância com a organização das estrofes e a ordem dos versos e das rimas que o compõe, como é o caso das sextilhas, da meia quadra, do martelo agalopado, entre outros. Contudo o autor defende que a sextilha foi consagrada como a principal e mais rica modalidade adotada na literatura de cordel, definindo-a da seguinte maneira:

É uma estrofe de 6 versos [...] rimados entre si os versos pares, ou seja: o segundo com o quarto e com o sexto, enquanto que o primeiro, o terceiro e o quinto são livres. A organização é a seguinte: AB/CB/DB, podendo ser adotado o XA/XA/XA. Na sextilha, o verso subsequente depende do seu antecessor (Viana, 2010, p. 35).

Viana (2010) ainda defende que o cordel, seja escrito em sextilha ou em outra modalidade, precisa apresentar rima, métrica e oração, em que a rima é a correspondência de sons com palavras diferentes, métrica é a medida das sílabas poéticas de cada verso e oração refere-se à coerência textual e à fidelidade ao tema. Ou seja, o cordel é repleto de ritmo e harmonia.

Ao apresentar a sextilha, Arievaldo Viana (2010) exhibe algumas estrofes retiradas do livro *A Didática do Cordel*, das quais selecionamos a seguinte estrofe em sextilha, explicando a própria modalidade. Vejamos:

A sextilha é uma estrofe
Que mostra, no seu contexto,
Seis versos de sete sílabas
E apresenta o seu texto
Rimando o segundo verso
Com o quarto e com o sexto.

Nestes termos, a leitura de cordéis possibilita-nos trabalhar a entonação e a

expressividade dos alunos, observar as métricas e rimas que esses textos trazem. Salientamos que congregamos com Marinho e Pinheiro (2012, p. 12) ao afirmarem que “ninguém aprende a gostar de folhetos decorando regras sobre métricas e rimas”, embora estas precisem ser observadas, não deve ser o foco no trabalho com o cordel, porque é preciso também considerar a leitura apreciativa; a compreensão das narrativas; a entonação etc.

Os folhetos trazem narrativas (em versos) longas, mas com uma linguagem simples e rica, em rimas que atraí e encanta quem ouve. E embora o cordel seja difundido em folhetos escritos, ele é um gênero pensado para ser lido em voz alta, ou seja, para ser ouvido. Assim, é um gênero que tem íntima relação com a oralidade e com a escuta, tão essenciais em sala de aula. Nesse contexto, Hélder Pinheiro (2018) afirma que a leitura em voz alta é um instrumento importante no contexto de sala de aula e evidencia a importância do gênero cordel para esse tipo de atividade.

A partir da leitura desse gênero, podemos vivenciar inúmeras reflexões e discussões acerca dos temas abordados, que nos trazem uma diversidade de visões de mundo e temáticas. Esse gênero dialoga com diferentes saberes, abordando tanto o fantástico e o heroico como o social, e essa diversidade impacta diretamente no processo de aprendizagem e favorece o desenvolvimento de compreensão de textos dos educandos, uma vez que lhes permite fazer relações com outros textos e outras vivências.

Acreditamos, portanto, que ao trabalharmos com o gênero cordel em sala de aula estaremos enriquecendo o desenvolvimento do processo de leitura e de compreensão de textos, além de valorizar a cultura popular nordestina, ao cultivarmos no seio escolar as tradições orais e culturais do nosso povo, pois existe um forte conhecimento de mundo evidenciado nos cordéis, experiências humanas significativas, que têm o direito de estarem presentes nas escolas, para que o aluno possa ouvir, conhecer e reconhecer-se nessa cultura.

2.5.2.1 Breves considerações sobre a Literatura de Cordel no Brasil

De acordo com Francisco Silva Nobre, que faz a apresentação do Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel (2013), a literatura de cordel surgiu no século XIV, em Portugal, juntamente com os primeiros Jograis, que eram ambulantes que se apresentavam nas cidades cantando poemas, lendas, cantigas de amor, entre outras literaturas. Assim, segundo o autor, o cordel chegou ao Brasil por meio dos portugueses, e se popularizou, principalmente, na região nordestina, a partir da tradição oral de contar histórias, ganhando aqui sinônimo de poesia popular. Confirmando esse pensamento:

A expressão “literatura de cordel” foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras, sobretudo em pequenas cidades do interior do Nordeste, em uma aproximação com o que acontecia em terras portuguesas. Em Portugal, eram chamados de cordéis os livros impressos em papel barato, vendidos na feira, praças e mercados (Marinho e Pinheiro, 2012, p. 18).

Na visão de Marinho e Pinheiro (2012), o cordel passou a proporcionar ao povo, leitores e ouvintes, narrativas históricas, políticas, sociais, de amores e de batalhas. Até o início do século XX, aqui no Brasil, essas narrativas eram vendidas nas feiras e estavam restritas ao universo familiar e a grupos sociais nordestinos que viviam no campo ou nas pequenas cidades e era transmitida, geralmente, de forma oral por pessoas com pouca ou sem nenhuma escolarização. E durante muito tempo, esse tipo de literatura foi a única fonte que noticiava acontecimentos e transmitia informações externas a esse povo.

Com o êxodo rural, na segunda metade do século XX, momento em que muitos nordestinos deixaram as suas terras vislumbrando oportunidades de emprego em outras regiões do Brasil, principalmente na região sudeste, essa poesia ultrapassou fronteiras e passou a ocupar espaços outrora reservados aos escritores e homens de letras do país.

Vale ressaltar, que há controvérsias quanto ao surgimento da literatura de cordel no Brasil, o que torna a sua origem um assunto problemático e merecedor de um olhar mais profundo. Os próprios autores, Marinho e Pinheiro (2012), embora evidenciem certa proximidade entre nossos folhetos e os cordéis portugueses, esclarecem diferenças entre eles. Para esses estudiosos, os cordéis portugueses eram livros impressos em papel barato que compreendia diferentes gêneros, como novelas, contos, peça teatral, notícias, entre outros, diferentemente dos nossos folhetos que é um gênero com características bastante peculiares, como padrão estrófico com versificação e rimas específicas.

Diante das incertezas quanto à origem do cordel, Márcia Abreu (1999) realizou um estudo aprofundado em que confronta a literatura de cordel portuguesa e a literatura de folhetos do Nordeste do Brasil. A autora compilou algumas informações do seu trabalho no livro *Histórias de Cordéis e Folhetos* de 1999, no qual ela esclarece que a nomenclatura “Literatura de Cordel”, popularmente usada em Portugal, passou a designar nossas produções apenas no ano de 1970, pois antes, nos referíamos a estes textos como “Literatura de Folhetos” ou simplesmente “Folhetos”.

Para ela, a literatura de cordel portuguesa não têm constância em relação ao gênero e a forma, aparecendo ora em prosa, ora em verso ou ainda em forma de peça teatral, sendo visto

mais como uma fórmula editorial, um meio de divulgação de textos diversos em papel barato e acessível, pois a divulgação destes textos surge, praticamente, com o início da imprensa. Na visão da autora:

Não se trata, portanto, de material escrito visando uma publicação desta natureza e sim de uma preocupação editorial de encontrar textos que se adequariam à divulgação para grandes públicos. [...] daí a utilização de papel barato, a opção por um pequeno número de páginas, a venda nas ruas (Abreu, 1999, p. 24-25).

Diferentemente, a literatura de folhetos que surge no Nordeste do Brasil, por volta do século XIX, é firmada na oralidade e possui forma específica, por respeitar as rimas, métricas, quantidades de estrofes etc. Essa literatura começou a ser apresentada em forma de folheto no final dos anos mil e oitocentos e teve como grande responsável pelo início sistemático da publicação de folhetos Leandro Gomes de Barros, poeta que nasceu na cidade de Pombal, na Paraíba, em 1865 e faleceu no ano de 1918 em Recife.

Esse grande cordelista produziu inúmeros títulos em vida e, segundo Márcia Abreu (1999), o seu folheto impresso mais antigo data de 1893. Leandro não só escrevia seus versos na sua própria tipografia, mas também os imprimia, divulgava e vendia. Vale destacar que, naquela época, a venda de cordel acontecia a partir da leitura oral de trechos dos poemas, que os cordelistas declamavam, a fim de despertar o interesse dos ouvintes.

Para Marinho e Pinheiro (2012, p. 149), “Leandro Gomes de Barros é reconhecido como o nome de maior expressão na literatura de folhetos”, tendo influenciado, por meio de seus cordéis, grandes escritores, como Ariano Suassuna que se espelhou nos folhetos “O dinheiro” e “O cavalo que defecava dinheiro” para compor a sua famosa obra *O Auto da Compadecida*. De acordo com os autores, as obras escritas por Leandro Gomes Barros foram inúmeras, chegando a produzir mais de 600 folhetos. Observe na imagem a seguir as capas de dois famosos folhetos do poeta:

Figura 8 – Folhetos de Leandro Gomes de Barros



Fonte: memoriasdapoesiapopular.com.br

Esses são apenas dois dos célebres folhetos de Leandro Gomes de Barros, que foram imortalizados na história do cordel brasileiro e vêm sendo reimpressos até a atualidade, como pudemos observar nas capas dos folhetos exibidos, impressas em 2014.

Ao falarmos em capas de folhetos, não podemos esquecer outra grande arte da nossa cultura popular, as xilogravuras¹. Segundo Luyten (1992), a arte de ilustrar folhetos com xilogravuras começou no Juazeiro do Norte, Ceará, com o Mestre Noza, e a partir dele diversos artistas dessa arte surgiram, a exemplo dos consagrados, poetas e xilógrafos, José da Costa Leite e J. Borges. Veja o exemplo de uma xilogravura de J. Borges:



Fonte: [pinterest.com](https://www.pinterest.com)

Entretanto, vale salientarmos que, ao longo da história, os folhetos, tanto de Leandro quanto de outros poetas, foram impressos com capas diversificadas, das quais muitas não apresentam xilogravuras, pois, apesar da associação feita entre o cordel e a xilogravura, nem sempre as capas dos folhetos foram ilustradas com esta arte, uma vez que, segundo Marinho e Pinheiro (2012), as xilogravuras só apareceram nos folhetos a partir da década de 1940.

¹Na visão de Luyten (1992, p. 51) é uma arte popular legitimamente brasileira, que consiste na ilustração a partir de gravuras talhadas em uma matriz de madeira.

Como exemplo dessa diversificação nas ilustrações das capas dos folhetos, expomos algumas variações de “O romance do pavão misterioso” do poeta paraibano José Camelo de Melo Rezende, um clássico da literatura de cordel que teve sua primeira publicação por volta de 1923, observe:

Figura 10 - capas do folheto O pavão misterioso com xilogravuras



Fonte: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/>

Figura 11 - capas do folheto O pavão misterioso sem xilogravuras



Fonte: <https://www.cooperlivros.com.br/>

Por meio dessas, podemos observar certa variação nas ilustrações das capas do romance ao longo da história, como também pequenas modificações nos títulos da obra, contudo a sua essência permanece ao longo desses 100 anos de inúmeras reimpressões.

O cordel nunca deixará de pertencer ao campo da oralidade, contudo, como já citamos, desde o final dos anos 1800, ele se caracteriza por ser uma narrativa impressa, abrindo espaço para inúmeros artistas que concretizaram seus cordéis no papel, poesias essas que sobrevivem a gerações, acompanham as mudanças de cada época e encantam diferentes públicos ao longo da história.

Dentre estes artistas, citamos dois poetas que marcaram a literatura de cordel: João Martins de Athayde, poeta que nasceu na Paraíba, mas que se mudou muito jovem para o

Recife, Pernambuco, onde começou a escrever seus primeiros versos. Com o falecimento de Leandro Gomes de Barros, em 1918, Athayde comprou os direitos autorais das obras de Leandro, passando a ser o maior editor de folhetos de todos os tempos (Athayde, 2016). De acordo com Luyten (1992), foi na época de João Martins de Athayde que a literatura de cordel teve seu apogeu; e o poeta paraibano Manuel Camilo dos Santos, que se consagrou na literatura de cordel, chegando a receber, em 1975, o prêmio de melhor poeta popular do Brasil, concedido pela Universidade Regional do Nordeste, na cidade de Campina Grande, Paraíba. Entre os muitos folhetos produzidos pelo autor citamos “Viagem a São Saruê” de 1956, seu folheto mais famoso que, segundo o site da Fundação Ruy Barbosa², chegou a ser traduzido para o francês pela professora Idelete Muzart.

Embora o cordel seja um gênero que se consolidou fortemente na escrita, é preciso considerar que ele é um gênero permeado pela oralidade. Abreu (1999, p. 118) evidencia bem essa relação ao afirmar que “a produção de folhetos no Nordeste situa-se na encruzilhada entre a escrita e a oralidade, sendo impossível fixá-la de maneira definitiva em qualquer um desses polos”.

Um importante nome da nossa literatura de cordel, que deixa em evidência em seus textos a proximidade do cordel com a oralidade, é o poeta e artista Antônio Gonçalves da Silva, nosso Patativa do Assaré, que nasceu em 05 de março de 1909, na Serra de Santana, município de Assaré, Ceará, e faleceu em 2002. Representante da cultura popular nordestina, Patativa canta o sertão, com um olhar sensível ao social, à natureza sertaneja e ao homem nordestino. A sua poesia é tipicamente oral, pois mesmo tendo um vasto acervo de obras escritas, nas palavras de Socorro Pinheiro (2006, p.8), “a obra de Patativa foi escrita, mas continuou pertencendo à tradição oral. A autoridade da voz permaneceu na poesia impressa, onde se deu a coexistência dos dois universos: o oral e o escrito”.

De acordo com Sylvie Debs (2000), a maioria dos cordéis de Patativa do Assaré foram publicados em livros, em folhetos produziu apenas “Motes e Glosas” e “Encontro de Patativa do Assaré com a alma de Zé Limeira o poeta do absurdo”. Vale salientar que “Patativa do Assaré, como mestre da poesia oral, nunca tentou publicar um texto com seus próprios meios, mas foi sempre publicado pelos admiradores da sua obra” (Debs, 2000, p. 20). Observemos nas primeiras estrofes do cordel “O padre Henrique e o dragão da maldade”, como Patativa define-se:

² http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/ManuelCamilo/manuelCamilo_biografia.html

<p>Sou um poeta do mato vivo afastado dos meios minha rude lira canta casos bonitos e feios eu canto meus sentimentos e os sentimentos alheios</p> <p>Sou caboclo nordestino tenho mão calosa e grossa, a minha vida tem sido da choupana para roça, sou amigo da família da mais humilde palhoça</p> <p>Canto da mata frondosa a sua imensa beleza, onde vemos os sinais do pincel da Natureza, e quando é preciso eu canto a mágoa, a dor e a tristeza</p>	<p>Canto a noite de São João com toda sua alegria, sua latada de folha repleta de fantasia e canto o pobre que chora pelo pão de cada dia</p> <p>Canto o crepúsculo da tarde e o clarão da linda aurora, canto aquilo que me alegra e aquilo que me apavora e canto os injustiçados que vagam no mundo afora</p> <p>(Debs, 2000, p. 73)</p>
--	---

Observamos nessas estrofes que o próprio Patativa evidencia a sua regionalidade, definindo-se como representante do povo nordestino. Assaré canta nosso Nordeste, ora com alegria e divertimento, ora com tristeza ou ainda para reclamar das injustiças sofridas pelo nosso povo, como é o caso do cordel acima citado, que, em sua continuação, traz um tom de denúncia contra o regime da Ditadura Militar, a partir de um ato cruel praticado contra um padre que acolhia jovens perseguidos pelo regime.

Assim, acreditamos que o gênero cordel é capaz de proporcionar uma rica experiência cultural em sala de aula, pois valoriza a perspectiva popular, suas marcas sociais, culturais e históricas, ao mesmo tempo em que penetra no mundo extraordinário do fantástico e do encantamento.

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A ORALIDADE EM SALA DE AULA

Neste capítulo, apresentamos uma experiência que vivenciamos em sala de aula, a qual nos instigou a querer aprofundar nossos estudos sobre oralidade e cultura popular, corroborando significativamente para o entendimento de como desenvolvermos as atividades de intervenção pedagógica que propomos no nosso produto.

Este relato trata-se de uma sequência didática que realizamos com nossos alunos, em uma turma de 6º ano da EMEFII Prefeito Francisco Braga, na cidade de Santana de Mangueira – PB, com duração de 10 horas/aula. A atividade teve como foco o desenvolvimento da leitura e da compreensão de textos, por meio dos gêneros causo e cordel, objetivando o reconhecimento e valorização dos gêneros pelos discentes.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: A ORALIDADE NA SALA DE AULA ATRAVÉS DOS GÊNEROS CAUSO E CORDEL

EMEFII PREFEITO FRANCISCO BRAGA

Professora: Jackeline Ferreira Simões Mangueira

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma envolvida: 6º ano do Ensino Fundamental (21 alunos)

Tempo pedagógico: dez aulas de 40 minutos

Gêneros: causo e cordel

Justificativa:

A escolha desta temática se deu pelo reconhecimento da importância do trabalho com a oralidade no Ensino Fundamental e por percebermos que, na sala de aula, há uma preferência da gramática normativa como único meio de estudar e entender a língua. Com isso, a sequência didática, aqui apresentada, abre possibilidades para diversos caminhos ao trabalhar a leitura, a oralidade e a compreensão de textos da cultura popular, que estão para além da gramática.

Objetivo Geral:

Possibilitar o desenvolvimento da leitura, da oralidade e da compreensão de textos em sala de aula, por meio dos gêneros causo e cordel.

Objetivos Específicos:

- ✓ Entender as características dos gêneros causo e cordel;
- ✓ Desenvolver a leitura e a compreensão de textos;
- ✓ Exercitar a oralidade e a escuta;
- ✓ Valorizar a cultura popular nordestina.

Conteúdos:

- ✓ Estrutura e características dos gêneros causo e cordel;
- ✓ Leitura e compreensão textual;
- ✓ Entonação e pontuação;
- ✓ Variação linguística.

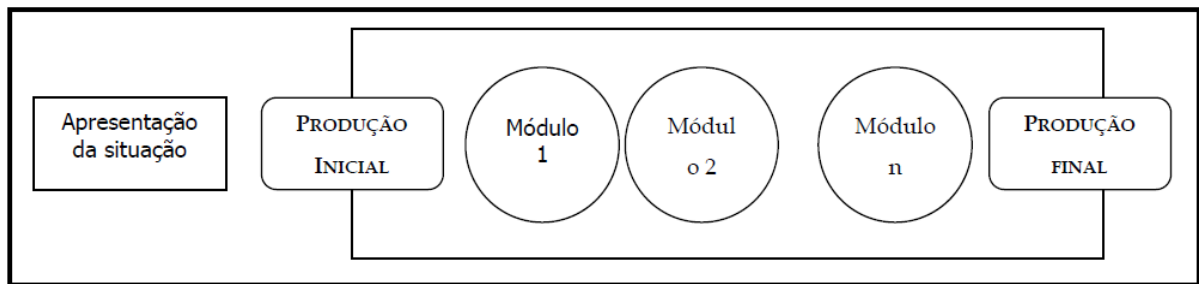
Recursos:

Folhetos de cordel, papel A4, datashow, lousa, marcadores de quadro branco, cartazes etc.

Discussão Teórica

Para desenvolver essa sequência didática, baseamo-nos em algumas leituras e estudos que realizamos para aprofundamento dos nossos conhecimentos, dos quais apontamos Marcuschi (2007) que dá relevante importância à oralidade, ao saber popular e às práticas de letramento no processo de ensino e aprendizagem, como também os estudos de Pinheiro (2001) quanto à cultura popular e à literatura de cordel. Além disso, fundamentamos o passo a passo desta nos estudos de Dolz, Noverraz, Scheneuwly (2004), que caracterizam a sequência didática como um conjunto de atividades escolares organizadas a partir de um gênero textual, seja ele oral ou escrito. Os autores dividem a sequência didática em quatro momentos, como podemos observar no quadro a seguir:

Figura 12- Esquema de seqüência didática



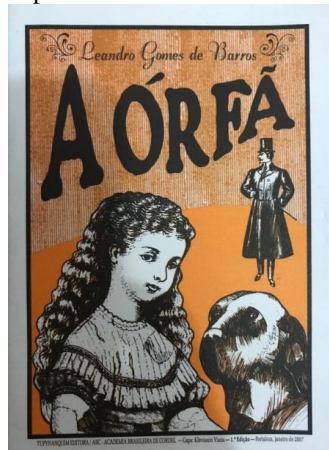
Fonte: Dolz, Noverraz, Scheneuwly (2004, p. 83)

A apresentação é o momento de expor o gênero a ser trabalhado para a turma. Considerado o segundo momento, a produção inicial tem papel essencial para continuação da seqüência, podendo ser a realização de um texto, que pode acontecer de forma oral ou escrita. No terceiro momento, etapa dos módulos, será a fase de aprofundamento no estudo do gênero e de superação das dificuldades encontradas na produção inicial, em que podemos diversificar atividades de observação e análises de textos, como também fazer comparação entre gêneros semelhantes. O último momento é o da produção final, que oportuniza ao aluno colocar em prática o aprendizado adquirido no decorrer da seqüência.

Apresentação da Situação

No primeiro momento nos encontramos em círculo com os alunos, para a acolhida e apresentação do gênero cordel, que foi realizada a partir da leitura em voz alta do folheto “A órfã” de Leandro Gomes de Barros (1865 – 1918): poeta paraibano, considerado o primeiro escritor de nossa literatura brasileira de cordel. (O folheto usado foi impresso pela editora Tupynanquim, em Fortaleza, 2007).

Figura 13 - Capa do folheto de cordel lido para a turma



Fonte: foto da capa do folheto pela autora

Produção Inicial

Após a apresentação do gênero, realizamos a compreensão da narrativa de forma oral. Neste momento, os alunos refletiram sobre a narrativa e expuseram as impressões que tiveram sobre os personagens. Aproveitando a oportunidade passamos a sondar com os alunos os porquês das ações de cada personagem e a repercussão que isso teve na vida deles durante o enredo. Em seguida, observamos a linguagem do texto e fizemos alguns questionamentos: se o título dava pistas sobre a história? Se durante a leitura surgiu alguma palavra ou expressão que eles não conseguiram entender? Diante das respostas, anotamos os posicionamentos no quadro branco, para que todos assimilassem e acrescentassem suas percepções, realizando, assim, uma interpretação compartilhada da história.

Módulo I:

✓ 1º momento

Neste momento, por meio de uma apresentação no PowerPoint, apresentamos as características do gênero cordel, sua história e relevância para cultura popular nordestina.

✓ 2º momento

Após o contato da turma com os aspectos teóricos citados da literatura de cordel, selecionamos alguns folhetos e organizamos uma roda de leitura, onde disponibilizamos aos alunos uma interação com diferentes folhetos. Entre os cordéis selecionados citamos: “A vida de Pedro Cem” de Leandro Gomes de Barros – impresso pela editora Tupynanquim, em Fortaleza, 2003; “O bordado” da poetisa Anne Karolynne – impresso por Cordel Personalizado; “O negrinho do pastoreio” de Klévisson Viana - impresso pela editora Tupynanquim, em Fortaleza, 2010; “A ousadia da onça e o poder da formiga” de Mestre Azulão - impresso pela editora Tupynanquim, em Fortaleza, 2006; “Juvenal e o dragão” de Leandro Gomes de Barros – impresso pelo Projeto Cordel para Crianças da FAC; “A cigarra e a formiga” de Julie Oliveira – impresso pela Edições Cordel de Mulher, em Fortaleza, 2020; “O cavalo que defecava dinheiro” de Leandro Gomes de Barros - impresso pela editora Tupynanquim, em Fortaleza, 2013.

Este momento foi gratificante, pois, muitas vezes, ao promovermos um espaço para leitura em sala de aula, percebemos a desmotivação do aluno, alguns só folheiam o material, outros leem por nítida obrigação. Já com os folhetos de cordel observamos a animação deles,

alguns riam durante a leitura, outros ao finalizarem um folheto logo pegavam outro e comentavam com os colegas sobre o que contava a história lida.

✓ *3º momento*

Ao encerrarmos a roda de leitura, realizamos discussões sobre as obras lidas, em que os alunos compartilharam a compreensão das obras por meio de um resumo oral, o que gerou interesse em alguns discentes que pediram outros folhetos emprestados para fazerem a leitura em casa.

Módulo II:

✓ *1º momento*

Nesta etapa, buscamos fazer um elo entre o gênero cordel e o gênero causo, evidenciando a proximidade desses gêneros com a oralidade e com a nossa cultura popular. Para tanto, apresentamos aos alunos, de forma oral, o folheto “As perguntas do rei e as respostas de Camões” de Severino Gonçalves de Oliveira, impresso pela Editora Luzeiro, em São Paulo, 2012. Esse folheto traz várias charadas feitas pelo rei na tentativa de levar o personagem Camões ao erro, mas ele sempre dá um jeitinho de acertar as charadas ou de enganar o rei. Essas histórias, apresentadas no cordel, foram bem difundidas no interior nordestino como causos populares.

Figura 14- Capa do folheto de cordel de Camões



Fonte: foto da capa do folheto pela autora

Diante da familiaridade do cordel de Camões com os causos contados na nossa região, buscamos dialogar com os alunos para saber se eles já haviam ouvido falar de alguma história de Camões, popularmente conhecido, na região Nordeste do Brasil por “Camonge”.

✓ *2º momento*

Após as discussões, abordamos sobre o gênero textual causo, suas características e relevância para cultura popular e para história do nosso povo.

✓ *3º momento*

A partir da abordagem do gênero causo, estimulamos os alunos a visitarem familiares e pessoas idosas do município, no intuito de ouvirem dessas pessoas algum causo de “Camonge” ou de outros difundidos na região.

Módulo III:

✓ *1º momento*

Após a interação dos alunos com os familiares e idosos do município, eles fizeram uma apresentação oral dos causos ouvidos para os colegas em sala de aula. Nem todos conseguiram ouvir dessas pessoas causos de Camonge, alguns apresentaram causos de botija, de assombração, entre outros temas que surgiram.

Ao encerramos as exposições dos causos, discutimos com os alunos sobre as suas percepções, sobre a similaridade das histórias dos causos com as dos cordéis e questionamos como foi a interação com as pessoas e se eles gostaram de ouvir os causos.

✓ *2º momento*

Diante da conclusão de todo esse processo de aproximação dos alunos com os gêneros em questão, exploramos um pouco mais o cordel “As perguntas do rei e as respostas de Camões” de Severino Gonçalves de Oliveira. Nesse momento, procuramos refletir sobre a linguagem usada nos cordéis e a linguagem nos causos ouvidos.

Após as reflexões, abordamos sobre a variação linguística e explicamos sobre a importância da pontuação, entonação e ritmo dos versos nos folhetos de cordel, e analisamos com eles essas características no cordel de Camões.

Produção Final:

Nesta última etapa, efetuamos a culminância da atividade, com a presença da gestão e pessoal de apoio da escola. Essa atividade envolveu todos os alunos da turma em um recital do folheto “As perguntas do rei e as respostas de Camões” de Severino Gonçalves de Oliveira, São Paulo: Luzeiro, 2012. Foi um momento bem relevante, durante o qual

percebemos uma grande aceitação dos gêneros causo e cordel por parte dos alunos. Acreditamos que isso se deu devido à linguagem simples desses gêneros, que estão fundamentados na oralidade, como também na forma com que essas narrativas se apresentam, trazendo experiências humanas que se confundem com a realidade da nossa gente.

Resultados e discussões:

Ao finalizarmos esta sequência, constatamos a relevância do trabalho com a oralidade na perspectiva do letramento em sala de aula através dos gêneros textuais, no entanto não podemos ser indiferentes às dificuldades encontradas para efetivação dessas atividades.

Dentre as dificuldades, com quais nos deparamos, foi antes de tudo adequar a sequência ao conteúdo programático já estabelecido pelo currículo escolar, como também a escassez de folhetos de cordéis no contexto educacional, sendo necessário recorrermos ao nosso acervo pessoal e pesquisar em sites que disponibilizam cordéis digitalizados, a exemplo do site <http://www.ablc.com.br/o-cordel/cordeis-digitalizados/>. No que se refere à aprendizagem dos alunos, embora tenham tido uma boa aceitabilidade em trabalhar este gênero, apresentaram dificuldades de leitura e compreensão dos textos. Para isso, tivemos que buscar caminhos metodológicos para facilitar esse momento.

Apesar dessas dificuldades, os estudos realizados apontaram a importância de darmos visibilidade aos diversos letramentos dos educandos, transformando a sala de aula em um ambiente que valorize a cultura, a oralidade e as práticas sociais dos alunos.

Nesse sentido, os resultados obtidos nas atividades realizadas em sala de aula, por meio da sequência didática, nos confirmaram que é possível alcançar, de forma significativa, um resgate da cultura popular em consonância com o desenvolvimento da leitura e da compreensão de textos, oportunizando, assim, uma melhoria no desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos nossos estudantes, o que os levará a uma maior conquista da autonomia e criticidade na sociedade em que vivem.

Diante disso, ao trabalharmos com os gêneros causo e cordel, em atividades de leitura e compreensão de textos, sentimos a necessidade de aprofundar os nossos estudos nesta perspectiva e encontrarmos meios eficazes que possibilitem outros profissionais a trabalharem ativamente a cultura popular na sala de aula. Desta forma, o capítulo que segue apresenta uma proposta de atividades a serem realizadas com os gêneros causo e cordel.

ENTRE CAUSOS E CORDEIS:

ORALIDADE EM FOCO



**Jackeline Ferreira Simões Mangueira
Hérica Paiva Pereira**

NOTA INTRODUTÓRIA

Esta Proposta de Intervenção apresenta sugestões de práticas de leitura e de compreensão de textos orais com eixo na cultura popular nordestina, como estratégias que possam auxiliar professores no processo de ensino e aprendizagem, em turmas do 6º ano do Ensino Fundamental, que também, podem ser ressignificadas para outros anos.

As oficinas elaboradas fundamentam-se na sequência básica de Cosson (2021) que “é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação” (Cosson, 2021, p. 51). Essa tem por motivação um momento de preparação e reflexão, com o propósito de estabelecer uma aproximação entre os alunos e o texto a ser lido. Na introdução precisamos apresentar a obra, o autor, fazer relação com outros textos e iniciar a leitura. Após a introdução vem a leitura efetiva do texto, que, dependendo da dimensão, pode ser lido em sala ou ser uma atividade extraclasse. Por último, temos a interpretação, momento em que o aluno fará uma reflexão sobre a obra lida e irá externalizar a compreensão por meio de uma atividade previamente pensada.

O Caderno de Oficinas, aqui apresentado, será direcionado a professores de Língua Portuguesa, que atuam no 6º ano do Ensino Fundamental, no município de Santana de Mangueira – PB, nos momentos de planejamento coletivo. As atividades podem ser adaptadas e ampliadas pelos professores de acordo com as suas necessidades, como também, por professores de outras turmas.

Salientamos que estas oficinas estão pautadas na visão de letramento de Magda Soares (2022) e Kleiman (1995), que veem o letramento além do saber ler e escrever, por envolver a compreensão que perpassa os muros escolares, pois está ligada às práticas sociais dos indivíduos. Em se tratando da importância da oralidade em sala de aula, embasamo-nos nos estudos de Marcuschi e Dionísio (2007) e Carvalho e Ferrarezi (2018).

Diante disto, propomos, nestas oficinas, atividades voltadas para os gêneros orais causo e cordel, que estão intimamente ligados à realidade social e cultural do nosso povo, e que, diante dos nossos estudos, se mostraram fortes aliados para o desenvolvimento da leitura e da compreensão de textos.

O caderno de oficina foi intitulado “Entre Causos e Cordéis: oralidade em foco” e está composto por cinco oficinas: a primeira oficina tem como título “Causos de Caçador” e remete aos temas da Caça e da Caipora; a segunda intitulada “Cruzando Vivências: causos da nossa gente” busca um resgate de causos contados por populares da cidade de Santana de Mangueira - PB; a terceira nomeamos de “Uma Viagem pelas Curvas de São Saruê”, em

referência ao folheto de Manuel Camilo dos Santos “Viagem ao País de São Saruê”, pois esta procura envolver os alunos com a literatura de cordel, a partir da apreciação desse folheto; a quarta oficina “Contando o que Leandro versou” engloba os dois gêneros, causos e cordéis, e desenvolve-se com ênfase nos folhetos do poeta Leandro Gomes de Barros; a quinta e última oficina oferta aos alunos o contato com diversos cordéis de autores atuais da nossa literatura de cordel e tem como título “Cordelizando”, nesta, além da leitura, apreciação e compreensão dos cordéis, buscamos oferecer aos alunos e à comunidade escolar um rico momento de declamação de cordéis.

Por meio da mediação do professor, estas oficinas possibilitarão aos alunos, juntamente com a apreciação de causos e cordéis, ampliarem seus conhecimentos sobre outros temas, os quais oportunizarão relevantes discussões que auxiliarão no desenvolvimento da oralidade. A partir destas, os alunos terão a oportunidade de apreciarem a cultura popular e desenvolverem a leitura e a compreensão através de textos orais típicos da nossa cultura. Além do mais, sendo estes gêneros constituídos de marcas linguísticas da região onde são difundidos, estas oficinas permitirão, ainda, evidenciarmos a variação linguística com respeito e autoridade.

CAROS PROFESSORES,

É com imenso prazer que lhes apresentamos o Caderno de Atividades Pedagógicas **Entre Causos e Cordéis: oralidade em foco.**

Este Caderno de atividades é produto das nossas pesquisas, estudos e vivências durante o Curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFCG, Campus de Cajazeiras – PB.

Trata-se de um apoio didático para professores de Língua Portuguesa, do 6º ano do Ensino Fundamental, no processo de ensino e aprendizagem, por meio de atividades sistematizadas que objetivam o desenvolvimento da leitura e da compreensão de textos dos discentes. Essas atividades podem ser ampliadas ou adaptadas para outros anos.

Neste caderno de atividades pedagógicas, propomos um trabalho voltado para os gêneros orais, causo e cordel, os quais nos permitirão, além do desenvolvimento de habilidades e competências específicas de leitura e compreensão de textos, uma inserção da cultura popular nordestina na sala de aula. Nele apresentamos cinco oficinas, em que as duas primeiras ocorrem em torno do gênero causo, a terceira e a quinta têm o foco no gênero cordel e a quarta oficina engloba os dois gêneros: causo e cordel.

Todas as oficinas, aqui apresentadas, são baseadas na sequência básica de Rildo Cosson (2021), que é fundamentada em quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.



BNCC

Por meio destas oficinas, os alunos terão a oportunidade de desenvolverem competências e habilidades, tais como:

COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva;

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural;

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LINGUAGENS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais;

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva;

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo;

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem;

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo;

Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos;

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

HABILIDADES LÍNGUA PORTUGUESA

(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou *slides* de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero, apresentação oral, multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea;

(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos;

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção;

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, [...] identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo;

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc.), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal;

(EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação;

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – [...] – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc.;

(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas;

(EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais, painéis, artigos de divulgação científica, verbetes de enciclopédia, *podcasts* científicos etc.;

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.;

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores;

(EF67LP29) Identificar, em texto dramático, personagem, ato, cena, fala e indicações cênicas e a organização do texto: enredo, conflitos, ideias principais, pontos de vista, universos de referência.

OFICINA 1



DURAÇÃO:

5 horas/aula

OBJETIVOS

Geral:

Estudar o gênero causo e suas características.

Específicos:

- Conhecer e apreciar os causos populares;
- Exercitar a escuta de histórias populares;
- Trabalhar a oralidade por meio da contação de causos;
- Desenvolver a compreensão de textos orais;
- Entender a variação linguística.

RECURSOS

- Computador;
- Quadro branco;
- Pincel para quadro branco;
- Cartazes;
- Notebook;
- Datashow.

Explore!

Professor, caso sinta necessidade de aprofundar seus conhecimentos sobre conceitos que serão relevantes durante as atividades, sugerimos os seguintes estudos:



Letramento - PRECISO “ENSINAR” O LETRAMENTO? Não basta ensinar a ler e escrever de Angela Kleiman.

Disponível em:

<https://oportuguesdobrasil.files.wordpress.com/2015/02/kleiman-nc3a3o-basta-ensinar-a-ler-e-escrever.pdf>

Gênero Causo - Tese “GÊNERO CAUSO, NARRATIVIDADE E TIPOLOGIA” de Inácio Rodrigues de Oliveira.

Disponível em:

<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/14393/1/TESE%20Inacio%20Rodrigues%20de%20Oliveira.pdf>

Varição Linguística - É um fenômeno natural que ocorre pela diversificação dos sistemas de uma língua em reação às possibilidades de mudança de seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe). Ela existe porque as línguas possuem a característica de serem dinâmicas e sensíveis a fatores como a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social do falante e o grau de formalidade do contexto da comunicação."

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-variacao-linguistica.htm>

Sotaque - Assista ao vídeo “Sotaques do Brasil”.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8vPMsbBHSf4>

Caipora - A caipora é uma personagem do folclore brasileiro. A lenda fala sobre uma índia de baixa estatura que reside no interior da floresta e atua como protetora dos animais, sobretudo aqueles que são alvo de caçadores. Ela pode trazer má sorte ou até mesmo aterrorizar os caçadores como forma de proteção aos animais que habitam a floresta.

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/folclore/caipora.htm>

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1º MOMENTO

MOTIVAÇÃO (1 AULA)

Inicialmente, motivar os alunos com imagens que remetam à cultura popular, para tanto, ornamente a sala com alguns cartazes que evidenciem manifestações da cultura nordestina brasileira.

Exemplos de figuras que podem ser usadas para ambientação: (Fonte: *br.pinterest.com*)



Inicie a aula conversando com os alunos sobre os cartazes, perguntando se eles reconhecem as imagens e se sabem a que cada uma se refere.



Fale sobre a ligação de cada figura representada nos cartazes com a cultura popular e sobre a importância de valorizarmos e preservarmos a nossa cultura.

Durante a apresentação das figuras, dê um pouco mais de ênfase a do caçador e a da caipora, visto que, os vídeos, que trabalharemos nesta oficina, remetem a essas figuras.

Após as discussões referentes às imagens, apresente o gênero a ser estudado, para tanto, assista com os alunos ao vídeo:

“O que é causo?” <https://www.youtube.com/watch?v=dBV1OPyVkHo&t=41s>

Depois de assistirem ao vídeo, converse com alunos, questione se eles já ouviram falar sobre o gênero causo, se já ouviram algum causo. Escute com atenção cada fala dos alunos. Caso os discentes relatem já terem ouvido causos, instigue-os a contá-los para a turma.

2º MOMENTO

INTRODUÇÃO (1 AULA)

Neste segundo momento, a partir do vídeo assistido na aula anterior, converse com os alunos sobre as características do gênero causo e a importância desse gênero para cultura popular nordestina.

IMPORTANTE:

O gênero causo tem forte ligação com a oralidade, é um gênero que nasce nas relações orais de um povo e que teve grande influência na disseminação da cultura popular ao longo da história. Muito do que conhecemos hoje, foi perpassado de geração em geração pelos nossos ancestrais, bem antes do surgimento dos primeiros textos escritos.

Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/o-genero-causo-sala-aula.htm>

Quanto a sua estrutura, segundo Batista (2007), o caso é uma narrativa simples e concisa, na qual os personagens, na maioria das vezes, são pessoas conhecidas do contador, porém podem exibir seres sobrenaturais, como lobisomens e assombrações.

3 MOMENTO

LEITURA (1 AULA)

Este é o momento da apresentação dos textos, para tanto, iremos acessar a alguns vídeos do *Youtube*, para ouvirmos dois causos de caçador.

Organize a turma em círculo para assistirem aos vídeos.



flaticon.com/br

1º vídeo – “A Caipora quis me dar uma surra” contado pelo Vêi Dico para o canal do *Youtube* “Marinaldo Ribeiro”:



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v43cH9jksrQ&t=29s>

Apartir do vídeo, faça, de forma oral, as seguintes perguntas aos alunos:
(Professor, fique à vontade para acrescentar outras perguntas)

Onde vocês acham que o caso está sendo contado?

O contador parece realmente ter vivido essa história?

Vocês acreditaram nesse caso?

Já ouviram alguma história sobre a caipora?

Perceberam alguma diferença na fala do contador ou ele fala como nós?

E as palavras usadas, vocês conhecem todas?

Atenção!!!

Professor,
aproveite este
momento
para explicar
sobre variação
linguística.

Escreva no quadro as seguintes palavras e veja se os alunos sabem o significado:
acuaram, assuntemo, muncunã, moita, esmoreceu.

(abra um espaço para discussão sobre os significados das palavras: como e quando podemos usá-las? quais expressões poderiam substituí-las sem modificar o sentido?)

Acuaram vem do verbo acuar. O mesmo que: perseguiram, acoassaram, caçaram.

Assuntar. Apurar, Verificar. Prestar atenção.

Mucunã. Designação comum de algumas plantas trepadeiras nativas do Brasil .

Moita. Grupo espesso de arbustos ramosos.

Esmorece. Fazer perder o ânimo, as forças; enfraquecer.

Fonte: dicio.com.br

2º vídeo – “O Caso da Caipora de Barreiras” contado no canal de Youtube
“Causos de Cordel”.



Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xx7mat_pp88

Após assistirem ao segundo vídeo, abra a discussão para os alunos falarem sobre suas primeiras impressões sobre o vídeo, questione-os:

- 1 - *O que tem de semelhança entre as histórias dos dois causos ouvidos?*
- 2 - *A maneira de falar dos contadores tem semelhanças?*
- 3 - *E sobre o jeito que cada um narrou o caso, qual chamou mais atenção de vocês?*
- 4 - *Qual dos causos passa mais credibilidade?*

Evidencie a diferença entre os causos, explique que o segundo vídeo acontece a partir de um caso escrito, ou seja, o contador teve maior tempo de planejamento, diferente do primeiro que o caso vai surgindo com a voz do contador.

4º MOMENTO

INTERPRETAÇÃO (1 AULA)

Em uma roda de conversa, convide cada aluno a falar sobre a compreensão que teve dos causos ouvidos. Busque mediar a interpretação, questione os alunos para que eles falem sobre as ações dos personagens, o motivo que levou a caipora a persegui-los, o que pensam sobre a caça, como acham que a caça deve ser feita.

INTERVALO

Professor, este é o momento de propor atividades que levem os alunos a externalizarem o que aprenderam sobre o gênero.

Assim, sugerimos que: instrua-os a pesquisarem em casa, com familiares ou pessoas da comunidade onde moram, sobre relatos que envolvam “A Caipora”, ou pensarem em situações que já vivenciaram (com a caipora) ou que ouviram de alguém e que poderiam ser contadas como um caso.

Caso não consigam nenhum caso com pessoas conhecidas, podem ouvir outros causos no *Youtube*. Sugerimos que compartilhe com os alunos a *Playlist* “Caipora na mata” do canal do *Youtube* de “Marinaldo Ribeiro”, lá os alunos poderão ouvir vários causos do “Véi Dico” sobre a Caipora.

Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLvaMcuE0MTOKWQVDxJ_0QmEdpQgyXjT2g

APRESENTAÇÃO (1 AULA)

Após o intervalo, teremos a apresentação, momento em que os alunos contarão os casos pesquisados.

(o professor poderá definir o tempo do intervalo de acordo a realidade da turma).

Professor, em parceria com os alunos, prepare o espaço da apresentação com alguns cartazes ou objetos que remetam ao mato, à caçada e à caipora. Dê preferência ao pátio da escola e convide algumas turmas para assistirem à apresentação. Caso não consiga realizar no pátio, organize a sala em um círculo e convide alguns colegas da escola para assistirem.

AVALIAÇÃO

A avaliação será formativa, ou seja, acontecerá de forma contínua durante o desenvolvimento das atividades propostas na oficina. Para tanto, o professor observará a participação e o desempenho dos alunos em cada etapa realizada.

Durante as suas observações, o professor avaliará se o aluno compreendeu as características do gênero caso; se conseguiu desenvolver a oralidade e a compreensão dos textos orais; se ele entendeu o que é variação linguística e a importância de respeitarmos as diferentes variedades.

A avaliação formativa compreenderá os diversos caminhos da formação do aluno, bem como servirá de espelho para prática pedagógica do professor. Avaliar formativamente é entender que cada aluno possui seu próprio ritmo de aprendizagem e, sendo assim, possui cargas de conhecimentos diferentes entre si. Ela fortalece a teoria de que o indivíduo humano aprende em cada instante de sua existência e, portanto, são nesses diversos momentos que ele terá que ser avaliado.

Disponível em: <https://www.infoescola.com/educacao/avaliacao-formativa/>

OFICINA 2

CRUZANDO VIVÊNCIAS: causos da nossa gente



Fonte: br.pinterest.com

DURAÇÃO: 5 horas/aula

OBJETIVOS

Geral:

Resgatar causos da nossa região.

Específicos:

- Conhecer e apreciar os causos populares;
- Exercitar a escuta de histórias populares;
- Trabalhar a oralidade por meio da escuta de causos;
- Desenvolver a compreensão de textos orais;
- Valorizar os saberes do nosso povo.

RECURSOS

- Celulares;
- Cartazes;
- Notebook;
- Datashow.

Explore!

Professor, caso sinta necessidade de aprofundar seus conhecimentos sobre os autores a serem estudados e conhecimentos que serão relevantes durante as atividades, acesse:



CULTURA POPULAR, LITERATURA E PADRÕES CULTURAIS

Disponível em: <https://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Cultura-popular.pdf>

BIOGRAFIA DE LUÍS DA CÂMARA CASCU DO

Disponível em: <http://www.cascudo.org.br/biblioteca/vida/biografia/>

O VELHO RIBA POR ERIEVALDO VIANA

Disponível em: <http://acordacordel.blogspot.com/2017/12/ribamar-lobes-observa-o-xilogravador.html>

O FAZER SEMIÓTICO DO CONTO POPULAR NORDESTINO: INTERSUBJETIVIDADE E INCONSCIENTE COLETIVO

Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6175/1/arquivototal.pdf>

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1º MOMENTO

MOTIVAÇÃO (1 AULA)

Professor,

- convide um senhor ou senhora da cidade que goste de contar histórias e organize uma roda de conversa na sala de aula;
- Prepare a sala para receber os alunos: disponha as cadeiras dos alunos em meio círculo e coloque uma cadeira mais centralizada para o convidado;
- Apresente o (a) convidado (a) aos alunos, para isso, faça uma breve biografia dele (a) para ser lida em sala;
- Busque tornar esse momento bem dinâmico e espontâneo, tal qual uma conversa;
- Peça ao convidado (a) que conte histórias da sua vida, causos vividos ou ouvidos ao longo da sua trajetória.

2º MOMENTO

INTRODUÇÃO (1 AULA)

Professor, na aula seguinte à roda de conversa, fale com os alunos sobre as impressões deles em relação à atividade passada, indague-os sobre o que acharam dos causos ouvidos, quais semelhanças há entre as histórias vividas pelo convidado (a) com a nossa realidade atual, qual a percepção deles sobre o convidado (a) e seu relato de vida.

Questione qual dos causos contados chamou mais a atenção dos discentes e o porquê.

Converse com os alunos sobre a importância desses contadores para a cultura popular.



Leve para sala de aula as obras que fazem parte do acervo da biblioteca da escola: “Literatura Oral no Brasil” e “Vaqueiros e Cantadores” de Luís da Câmara Cascudo.



- Circule as obras entre os alunos, para que eles observem os livros, conheçam as produções no campo da oralidade e vejam a imensidão do acervo que elas carregam;
- Relate para os alunos quem foi Câmara Cascudo e enfatize que essas obras só foram possíveis a partir de relatos como os que eles ouviram na roda de conversa. Explique ainda, que outros importantes pesquisadores, também, buscaram imortalizar na escrita causos e relatos ouvidos, como exemplo temos o nordestino Ribamar Lopes.

Apresente os autores citados para os alunos:



Luís da Câmara Cascudo (Natal, 30 de dezembro de 1898 — Natal, 30 de julho de 1986) foi um historiador, folclorista, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro. Pesquisador das manifestações culturais brasileiras deixou uma extensa obra, inclusive o *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1952). O conjunto da obra de Luís da Câmara Cascudo é considerável em quantidade e qualidade: ele escreveu 31 livros e 9 plaquetas sobre o folclore brasileiro, em um total de 8.533 páginas. Ninguém no Brasil, nem antes nem depois dele, realizou obra tão gigantesca com reconhecimento nacional e estrangeiro.

Fonte: <http://www.cascudo.org.br/biblioteca/vida/biografia>



José Ribamar Lopes nasceu no dia 8 de novembro de 1932 em Pedreiras (Maranhão) e faleceu em Fortaleza (Ceará) aos 24 de janeiro de 2006.

Contista, poeta e ensaísta, nas últimas décadas vinha desenvolvendo grande atividade como pesquisador e incentivador da Literatura de Cordel. Deixou publicados os seguintes livros: "Literatura de Cordel (Antologia)", "Quinze Casos Contados" (Contos); "Viola da Saudade" (Poesia) e "Sete Temas de Cordel" (Ensaio), além do inédito "O Dragão da Literatura de Cordel", cujos originais foram confiados à Tupynanquim Editora.

Fonte: <http://acordacordel.blogspot.com>

Se preferir pode usar a apresentação de PowerPoint por meio do *link* abaixo:

https://docs.google.com/presentation/d/1VbBjJIS9WGW4_tLZeFRgEOJJ2NLD3F7Z/edit?usp=share_link&oid=117762185222814250357&rtpof=true&sd=true

3 MOMENTO

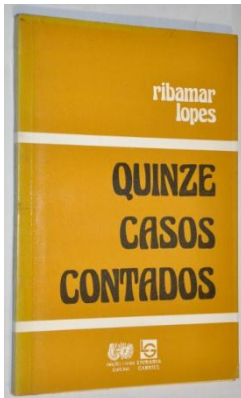
LEITURA (1 AULA)

Professor, este momento é muito importante, é o nosso momento de leitura



Fonte: <https://pt.vecteezy.com/>

Imprima o texto “AGOURO” do livro “Quinze Casos Contados” de Ribamar lopes e leia com a turma.



Link para PDF do texto:

https://drive.google.com/file/d/1shBqo-YMplB8dIGFFyjtLEjiBedSih_d/view?usp=sharing

No primeiro momento, peça uma leitura silenciosa, após os alunos finalizarem a leitura, leia o texto em voz alta para turma e inicie as discussões sobre as primeiras impressões dos alunos sobre texto.

Questione-os:

Já ouviram a palavra **agouro**? Sabem o significado da palavra? (Se não souberem, discuta o significado com eles)

agouro

Ação de prever o que acontecerá no futuro; vaticínio.

Previsão de algo ruim, de uma tragédia ou de uma notícia fatídica: quebrar espelho não é bom agouro.

www.dicionario.info

Releia com os alunos o seguinte trecho do texto:

Dona Maroca justifica seus temores: por volta da meia-noite, o “Rasga-mortalha” escarrara em cruz sobre a casa seu pio agourento. E como se não bastasse, a galinha pedrês, ao descer do poleiro naquela manhã, batera as asas, esticando o pescoço e cantando como galo, numa imitação grotesca que bem traduzia azar e mau agouro. Aquilo era desgraça certa.

Após discutir o significado da palavra e fazer a leitura do texto, pergunte se eles acreditam em agouro, se já ouviram algum relato sobre agouro, se acreditam ou conhecem alguém que acredita nas mesmas crenças de Dona Maroca.

4º MOMENTO

INTERPRETAÇÃO (1 AULA)

Após as primeiras impressões, chegou a hora da interpretação.

De forma oral, busque entender a compreensão que os alunos tiveram da narrativa.

Qual a interpretação deles sobre Jesuíno, caráter, índole... ?

E Dona Maricota, como eles veem as crenças dela, tem algum fundamento ou justificativa que dê credibilidade as suas crenças?

Qual a opinião dos alunos sobre a reação de Jesuíno diante dos soldados? E sobre a ação dos soldados, o que eles pensam?

Por que Jesuíno foi possuído de tão grande tristeza?

Qual a visão dos alunos sobre o desfecho da narrativa?



Fonte: <https://icons8.com.br/>

INTERVALO

Professor, sugerimos que:

Estipule um prazo para esse intervalo;

Divida a turma em equipes (de acordo com a realidade da turma);

Peça para visitarem uma pessoa mais velha do município e gravarem um vídeo conversando com essa pessoa (instrua-os a perguntarem durante a conversa sobre a vida da pessoa, como por exemplo: como foi a sua infância? Do que brincava na sua infância? Como foram os seus estudos? Como eram os transportes da época da sua juventude? Em que trabalhava quando era jovem? Sempre morou nessa cidade? Já passou por algum momento difícil ou engraçado?);

Como inspiração para ajudar aos alunos na condução da gravação, sugerimos que compartilhe com eles o *link* do canal “Cultura e Personalidades do Sertão Nordestino”, que divulga diversos vídeos de contadores de causos do sertão nordestino.



Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLvaMcuE0MTOKWVDxJ_0OmEdpOgyXjt2g.

Durante o intervalo estipulado, peça que os alunos entreguem os vídeos e veja se precisa de algum corte, organize os vídeos para apresentação.

APRESENTAÇÃO (1 AULA)

Após o intervalo, teremos a apresentação, momento em que os alunos apresentarão os vídeos gravados para comunidade escolar.

- Organize um momento para apresentação com a direção da escola;
- Convide demais turmas da escola para assistirem;
- Inicie o momento da apresentação com uma fala sobre a importância desses contadores para a cultura popular;
- Antes de cada vídeo, organize para que os alunos façam uma apresentação de cada contador (a).

AVALIAÇÃO

A avaliação será formativa, ou seja, acontecerá de forma contínua durante o desenvolvimento das atividades propostas na oficina. Para tanto, o professor observará a participação e o desempenho dos alunos em cada etapa realizada.

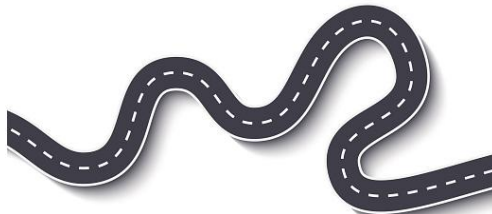
Durante as suas observações, o professor avaliará o empenho do aluno na busca pelos causos; o respeito e atenção que tiveram para com o convidado (a) e demais contadores abordados; a desenvoltura nos trabalhos de leitura e de compreensão de textos e se eles entenderam a importância dos contadores de causos para cultura popular.

*A **avaliação formativa** compreenderá os diversos caminhos da formação do aluno, bem como servirá de espelho para prática pedagógica do professor. Avaliar formativamente é entender que cada aluno possui seu próprio ritmo de aprendizagem e, sendo assim, possui cargas de conhecimentos diferentes entre si. Ela fortalece a teoria de que o indivíduo humano aprende em cada instante de sua existência e, portanto, são nesses diversos momentos que ele terá que ser avaliado.*

Disponível em: <https://www.infoescola.com/educacao/avaliacao-formativa/>

OFICINA 3

Viajando pelas curvas de São Saruê



Fonte: *istockphoto.com*

DURAÇÃO: 5 horas/aula

OBJETIVOS

Geral:

Apresentar aos alunos os encantos do gênero cordel.

Específicos:

- Conhecer e apreciar a literatura popular por meio do gênero cordel;
- Reconhecer as características do gênero cordel;
- Desenvolver a compreensão de textos orais;
- Possibilitar o desenvolvimento da oralidade;
- Conhecer outras formas de linguagem presentes nos cordéis;
- Instigar a imaginação e criticidade.

RECURSOS

- Folhetos;
- Textos impressos;
- Cartazes;
- Notebook;
- Datashow.

Explore!

Professor, caso sinta necessidade de aprofundar seus conhecimentos sobre o que é literatura de cordel e a sua relevância na sala de aula, sugerimos os seguintes estudos:



HÉLDER PINHEIRO: O QUE É CORDEL – CANAL PARAFRASEANDO

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3Gt6wI4YqAY>

LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA: RELATO DE UMA VIVÊNCIA

Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/28576>

A LITERATURA DE CORDEL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE LEITURA NA SALA DE AULA

Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/1221/pdf>

PALMAS, GRITOS, ASSOVIOS: A LEITURA DE CORDEL NA SALA DE AULA

Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/358/288>

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1º MOMENTO

MOTIVAÇÃO (1 AULA)


Professor,

Esse é um momento muito importante, para isso, ornamente a sala para receber os alunos:

- Organize uma varal com diversos folhetos de cordel, caso não tenha folhetos, imprima algumas capas de folhetos.



Fonte: <https://pap.pb.gov.br/>

No site  <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/> você encontrará uma infinidade de capas de folhetos seguindo o passo a passo indicado em vermelho:

Memórias da Poesia Popular
informação sobre vida e obra de poetas populares brasileiros

CNPq PPGCI

Início O Projeto **Poetas Populares** Poetisas Classes Temáticas Fale Conosco

Catálogo Brasileiro de Literatura Popular

Identificação
Síntese Biográfica
Produção Literária
Galeria de Imagens Poetas
Bibliografia **Folhetos**

LITERATURA DE CORDEL
JUVENAL e o DRAGÃO
Autor: Leandro Gomes de Barros
Tema: Encantamento

Leandro Gomes de Barros
O CACHORRO DOS MORTOS
Tema: Assassinato

Leandro Gomes de Barros
O CAVALO QUE DEFECAVA DINHEIRO
Literatura de Cordel
Tema: Posse

Fonte: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/>

- Inicie a aula com o vídeo de Arly Arnaud recitando o folheto *Viagem a São Saruê* de Manoel Camilo dos Santos.



Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=O2iZE_FTAA

Após a apresentação do vídeo, dialogue com os alunos, busque saber se eles:

Gostaram do vídeo?

Já haviam ouvido a declamação de algum texto parecido?

O que acharam da ornamentação?

Sabem a que gênero a ornamentação faz relação?

2º MOMENTO

INTRODUÇÃO (1 AULA)

Agora é o momento de apresentarmos aos alunos as principais características do gênero cordel.

O gênero Cordel

- É um gênero pautado na oralidade (pensado para ser lido em voz alta);
- Apresenta linguagem informal e regional;
- Seus versos são carregados de humor, ironia e/ou sarcasmo;
- O cordel pode apresentar temas diversos, como sociais, religiosos, profanos, políticos e históricos;
- Esse gênero segue uma estrutura própria, com a presença de estrofes, versos rimados e métrica definida.

Professor, caso sinta necessidade, pode passar o vídeo abaixo para que os alunos compreendam melhor o gênero:



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6OPZqLIUtOO&t=157s>

Após explicar sobre as características do gênero, apresente aos alunos o autor da obra que foi recitada no 1º momento.



BIOGRAFIA

ACERVO

LISTA DE POETAS

SITE CORDEL

BIOGRAFIA
Por Maurílio Antonio Dias de Sousa

Manuel Camilo dos Santos, cantador violeiro, poeta popular, tipógrafo, xilógrafo, datilógrafo, horoscopista, escritor e editor nasceu no dia 9 de junho de 1905, no Município de Guarabira (PB).

Foi criado na agricultura, mas a partir dos 18 anos dedicou-se ao comércio ambulante com uma tropa de burros de seu pai. Em 1936, já morando na capital João Pessoa e trabalhando como marceneiro, adota a cantoria como profissão, porém em 1940 abandona essa profissão, transfere-se para Campina Grande e lá inicia sua vida de poeta popular.

Todavia, em 1942 retorna para Guarabira, desta vez para instalar a **Tipografia e Folhetaria Santos**, que se expande e leva seu proprietário a transferi-la, em 1953, para Campina Grande. Próspera, a Folhetaria faz de Manuel Camilo um editor bem sucedido e, em 1957, tendo adquirido novos equipamentos, ele a reinaugura com o nome de **A Estrela da Poesia**.

Manuel Camilo dos Santos

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

Disponível em:

http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/ManuelCamilo/manuelCamilo_biografia.html#

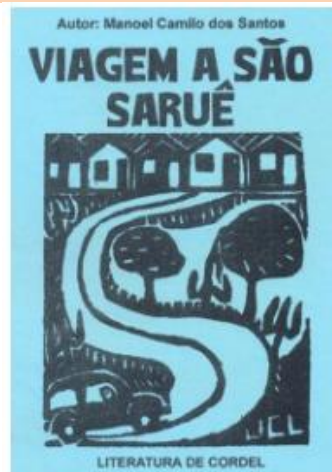
3º MOMENTO

LEITURA (1 AULA)

Agora que os alunos já estão mais familiarizados com o gênero cordel e com o autor Manuel Camilo dos Santos, **Vamos à leitura**



Viagem a São Saruê de Manuel Camilo dos Santos



Fonte: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/>

Professor, caso você consiga, distribua os folhetos da obra para turma, senão, adquira pelo menos um folheto da obra para mostrar à turma e imprima o cordel para os alunos por meio do *link* abaixo ou ainda poderá disponibilizar o folheto através de apresentação em datashow.

(dependendo da realidade da turma, compartilhe de forma digital para que eles leiam pelo celular)

Viagem a São Saruê: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/931.pdf>

Peça que os alunos façam uma leitura silenciosa

Após a leitura, converse um pouco sobre as impressões dos alunos sobre o texto

O que acharam do texto?

Conseguiram identificar alguma semelhança desse texto com outra história conhecida?

Por que eles acreditam que o eu lírico sentiu vontade de conhecer São Saruê?

Quem é o doutor mestre pensamento?

Eles acreditam que possa haver um lugar assim, por quê?

Tiveram dificuldades para compreenderem a linguagem do cordel?

Apresente aos alunos, na prática, o que são estrofes, versos e rimas.

Pergunte se conseguiram observar as rimas contidas nos versos? Peça que eles digam palavras que rimam e vá escrevendo-as no quadro, vá lendo as estrofes com eles e a cada rima encontrada peça que batam palmas, que seja um momento bem dinâmico.

Para saber mais sobre rimas, explore:
<https://www.significad os.com.br/rimas/>

4º MOMENTO

INTERPRETAÇÃO (1 AULA)

Peça que os alunos analisem alguns versos que apresentem linguagem metafórica.
(intigue-os a falarem o que entenderam ao lerem os versos e discuta com eles o real significado das frases e o sentido delas nos versos do folheto)

Seguem alguns exemplos que podem ser usados na análise:

<p style="text-align: center;">Iniciei a viagem as quatro da madrugada tomei o carro da brisa passei pela alvorada junto do quebrar da barra eu vi a aurora abismada.</p>	<p style="text-align: center;">Surgiu o dia risonho na primavera imponente as horas passavam lentas o espaço incandescente transformava a brisa mansa em um mormaço dolente.</p>	<p style="text-align: center;">Morreu a tarde e a noite assumiu sua chefia deixei o mormaço e passei pro carro da neve fria vi os mistérios da noite esperando pelo dia.</p>
--	--	--

Após essa análise, apresente aos alunos as estrofes abaixo e veja se conseguem encontrar semelhança destas com algum outro texto que já leram ou ouviram:

<p style="text-align: center;">Avistei uma cidade como nunca vi igual toda coberta de ouro e forrada de cristal ali não existe pobre é tudo rico em geral.</p>	<p style="text-align: center;">Lá os tijolos das casas são de cristal e marfim as portas barras de prata fechaduras de “rubim” as telhas folhas de ouro e o piso de sitim.</p>	<p style="text-align: center;">Tudo lá é bom e fácil não precisa se comprar não há fome nem doença o povo vive a gozar tem tudo e não falta nada sem precisar trabalhar.</p>
--	--	--

Discuta um pouco com eles e apresente os versículos bíblicos abaixo:

<p style="text-align: center;">As doze portas eram doze pérolas, cada porta feita de uma única pérola. A rua principal da cidade era de ouro puro, como vidro transparente.</p> <p style="text-align: center;">Apocalipse 21:21</p>	<p style="text-align: center;">Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor.</p> <p style="text-align: center;">Apocalipse 21:4</p>	<p style="text-align: center;">Nunca mais passarão fome, jamais terão sede. Não os afligirá o sol, nem tampouco qualquer mormaço.</p> <p style="text-align: center;">Apocalipse 7:16</p>
---	--	--

Dialogue com os alunos sobre as semelhanças encontradas entre os textos, depois questione sobre a interpretação que eles fizeram diante da comparação realizada.

INTERVALO

Professor,

É hora do nosso intervalo, ou seja, momento para organizarmos a apresentação.

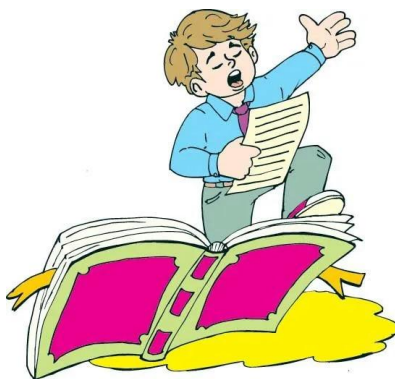
Divida as 33 estrofes do folheto “Viagem a São Saruê” de Manuel Camilo dos Santos, entre os alunos. A divisão dependerá da quantidade de alunos na turma, *se a turma for composta por 33 alunos, cada um fica com uma estrofe.*

Estipule um prazo para o intervalo

(no intervalo os alunos irão aprender as estrofes e a entonação que devem fazer em cada verso, para apresentarem um recital do cordel)

APRESENTAÇÃO (1 AULA)

Recital do folheto “Viagem a São Saruê” de Manuel Camilo dos Santos



Fonte: abc.com.py

- Professor, em parceria com os alunos, ornamente o espaço da apresentação com figuras, objetos e adereços que remetam ao gênero cordel;
- Dê preferência ao pátio da escola e convide as outras turmas para assistirem à apresentação, para isso, busque uma parceria com a equipe gestora e torne este um momento festivo para toda a escola;
- Intra os alunos a caracterizarem-se fazendo referência à cultura popular e à literatura de cordel.

AVALIAÇÃO

A avaliação será formativa, ou seja, acontecerá de forma contínua durante o desenvolvimento das atividades propostas na oficina. Para tanto, o professor observará a participação e o desempenho dos alunos em cada etapa realizada.

Nas suas observações, o professor avaliará se o aluno reconheceu as características do gênero cordel; se desenvolveu a oralidade e a compreensão por meio da leitura e interpretação dos cordéis; se entendeu o sentido metafórico presente nos textos apresentados; a entonação e a expressividade dos alunos durante as leituras em sala e no recital de cordel.

A avaliação formativa compreenderá os diversos caminhos da formação do aluno, bem como servirá de espelho para prática pedagógica do professor. Avaliar formativamente é entender que cada aluno possui seu próprio ritmo de aprendizagem e, sendo assim, possui cargas de conhecimentos diferentes entre si. Ela fortalece a teoria de que o indivíduo humano aprende em cada instante de sua existência e, portanto, são nesses diversos momentos que ele terá que ser avaliado.

Disponível em: <https://www.infoescola.com/educacao/avaliacao-formativa/>

OFICINA 4

Contando o que Leandro Versou



Fonte: <http://acordacordel.blogspot.com/>

DURAÇÃO: 5 horas/aula

OBJETIVOS

Geral:

Despertar o gosto dos alunos pela leitura de folhetos de cordel.

Específicos:

- Apreciar e valorizar o gênero cordel;
- Desenvolver práticas de leitura e escuta;
- Ler e compreender textos literários da cultura popular;
- Exercitar a oralidade;
- Desenvolver o pensamento crítico.

RECURSOS

- Folhetos de cordel (ou cordéis impressos ou digitais);
- Celulares;
- Cartazes;
- Notebook;
- Datashow.

Explore!

Professor, caso sinta necessidade de saber um pouco mais sobre o autor Leandro Gomes de Barros, sugerimos acessar ao material por meio do link:



A LITERATURA DE CORDEL E LEANDRO GOMES DE BARROS: VIDA E OBRA
Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/976198>

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1º MOMENTO

MOTIVAÇÃO (1 AULA)

Professor,

Organize a turma em um círculo e no centro espalhe diversos folhetos de Leandro Gomes de Barros.

Caso não tenha acesso a folhetos, você poderá acessar aos seguintes sites, que disponibilizam cordéis digitalizados, e fazer a impressão para compartilhar com a turma neste momento.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO

<http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/home/index.php>

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL

<http://www.ablc.com.br/o-cordel/cordeis-digitalizados/>

SUGESTÕES DE FOLHETOS:

JUVENAL E O DRAGÃO

http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=100

A ÓRFÃ

http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=1209

CANCÃO DE FOGO

http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=1211

O CAVALO QUE DEFECAVA DINHEIRO

http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=1165

O PRÍNCIPE E A FADA

http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=73

HISTÓRIA DO BOI MISTERIOSO

http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=74

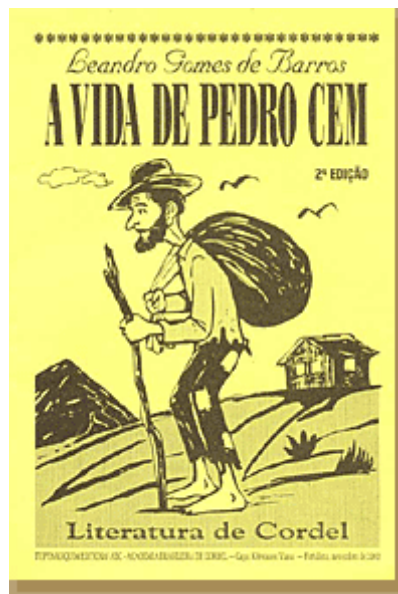
O CACHORRO DOS MORTOS

http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=80

A VIDA DE PEDRO CEM

<http://www.ablc.com.br/a-vida-de-pedro-cem/>

Inicie o círculo contando a história contida no folheto “A vida de Pedro Cem” de Leandro Gomes de Barros . (Conte a história como se fosse um caso que você ouviu)



Disponível em: <http://www.ablc.com.br/a-vida-de-pedro-cem/>

Ainda no círculo de leitura indague aos alunos sobre o que acharam da história.

Em seguida, leia para eles os seguintes versos do cordel:

Quem planta flores tem flores,
Quem planta espinho tem espinho,

- Discuta com os alunos o que os versos tem haver com a história contada, e o que eles pensam sobre os versos;
- Relate que a história contada e os versos apresentados fazem parte do folheto de Leandro Gomes de Barros “A vida de Pedro Cem”;
- Compartilhe o folheto com os alunos;
- Em seguida, comente que esse é só um dos muitos folhetos de Leandro Gomes de Barros;
- Deixe que os alunos peguem os folhetos que estão no centro, observem os títulos e folheem as histórias;
- Discuta sobre as primeiras impressões dos alunos a partir dos títulos dos folhetos.

2º MOMENTO

INTRODUÇÃO (1 AULA)

Neste segundo momento, relembre aos alunos as características do gênero estudado na oficina passada “Viajando pelas curvas de São Saruê”. Enfatize que essas obras também fazem parte do gênero cordel.

Apresente o autor dos cordéis observados na aula anterior.

BIOGRAFIA



- A PESQUISA
- BIOGRAFIA
- FATOS & VERSOS
- CORDEL EM ESTROFES
- BAIÃO DE DOIS
- COLEÇÃO DIGITAL
- BIBLIOGRAFIA
- LISTA DE POETAS
- SITE CORDEL

BIOGRAFIA À MODA DA CASA

Leandro Gomes de Barros, paraibano nascido em 19/11/1865, na Fazenda da Melancia, no Município de Pombal, é considerado o rei dos poetas populares do seu tempo. Foi educado pela família do Padre Vicente Xavier de Farias, (1823-1907), proprietários da fazenda, e dos quais era sobrinho por parte de mãe. Em companhia da família "adotiva" mudou-se para a Vila do Teixeira, que se tornaria o berço da Literatura Popular nordestina, onde permaneceu até os 15 anos de idade tendo conhecido vários cantadores e poetas ilustres.

Do Teixeira vai para Pernambuco e fixa residência primeiramente em Jaboatão, onde morou até 1906, depois em Vitória de Santo Antão e a partir de 1907 no Recife onde viveu de aluguel em vários endereços, imprimindo a maior parte de sua obra poética no próprio prelo ou em diversas tipografias. Vale a pena transcrever o aviso no final de um poema, *A Cura da Quebradeira*, que demonstra suas constantes mudanças e o grande tino comercial:
"Leandro Gomes de Barros. avisa que está morando em Areias.

Leandro Gomes de Barros

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_biografia.html#

O paraibano Leandro Gomes de Barros é considerado o pioneiro da Literatura de Cordel no Brasil e ficou conhecido, em famosa definição de Carlos Drummond de Andrade, como o “príncipe dos poetas”.

3 MOMENTO

LEITURA (1 AULA)

Professor, agora é o momento da leitura



Fonte: <https://shopee.com.br/>

- ⇒ Novamente, organize um círculo de leitura;
- ⇒ Coloque os folhetos no centro e deixe que cada aluno escolha o folheto que irá ler;
- ⇒ Deixe que eles realizem uma leitura silenciosa do folheto;
- ⇒ Após a leitura, ainda no círculo, peça que relatem as impressões que tiveram sobre o texto;
- ⇒ Intra-os a levarem a obra lida para casa e lerem novamente em voz alta, buscando se envolverem com a narrativa.

4º MOMENTO

INTERPRETAÇÃO (1 AULA)

Professor,

Agora que os alunos já fizeram uma leitura aprofundada da obra, chegou a hora da interpretação.

Explique que neste momento cada um irá à frente falar:

- ⇒ O que o folheto lido narra;
- ⇒ Se a partir da leitura conseguiu captar alguma reflexão para aplicar em sua vida;
- ⇒ Como são os personagens da história.

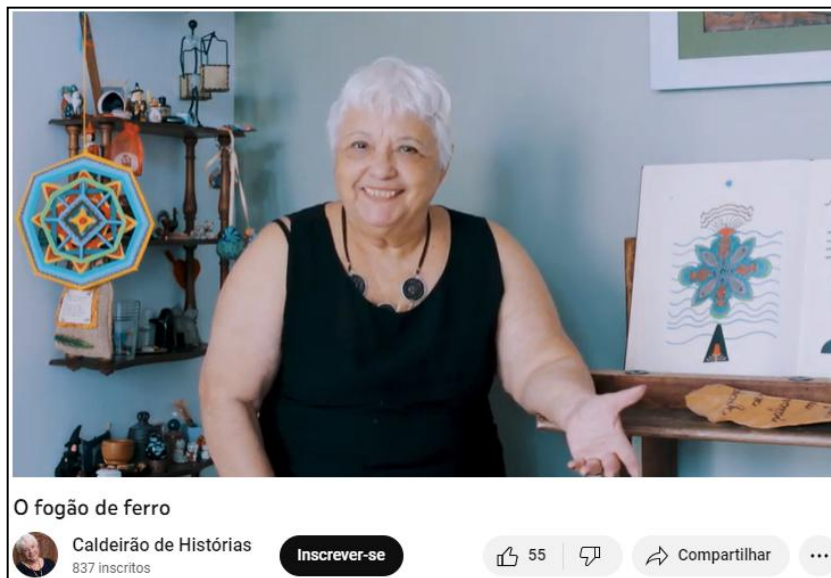
INTERVALO

Chegou o momento de prepararmos a apresentação final

Para isso, converse com os alunos sobre como acontecerá a apresentação:

Os alunos irão apresentar as narrativas dos folhetos em forma de contação de causos, tal qual o professor contou a história do folheto “A vida de Pedro Cem” no início desta oficina.

Para ajudá-los, compartilhe com eles o *link* do vídeo da contadora Cecília Göpfert:



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h4R9RGuv1g&t=93s>

Após a apresentação do vídeo, fale sobre a importância de expressar as emoções durante a contação e estipule um tempo para o intervalo, momento em que eles irão preparar-se para a apresentação.

APRESENTAÇÃO (1 AULA)

- ⇒ Juntamente com os alunos, ornamente a sala com varais de folhetos de Leandro Gomes de Barros (podem ser capas impresas);
- ⇒ É interessante, também, que os alunos produzam alguns cartazes sobre as obras lidas e sobre o autor estudado;
- ⇒ Coloque as cadeiras em círculo e peça que os alunos apresentem no centro da sala.

AVALIAÇÃO

A avaliação será formativa, ou seja, acontecerá de forma contínua durante o desenvolvimento das atividades propostas na oficina. Para tanto, o professor observará a participação e o desempenho dos alunos em cada etapa realizada.

Durante as suas observações, o professor avaliará a aceitabilidade do aluno em relação ao gênero cordel; a expressividade dos alunos durante a contação das histórias dos folhetos; o desenvolvimento da leitura e da compreensão dos textos e a criticidade durante as interpretações.

*A **avaliação formativa** compreenderá os diversos caminhos da formação do aluno, bem como servirá de espelho para prática pedagógica do professor. Avaliar formativamente é entender que cada aluno possui seu próprio ritmo de aprendizagem e, sendo assim, possui cargas de conhecimentos diferentes entre si. Ela fortalece a teoria de que o indivíduo humano aprende em cada instante de sua existência e, portanto, são nesses diversos momentos que ele terá que ser avaliado.*

Disponível em: <https://www.infoescola.com/educacao/avaliacao-formativa/>

OFICINA 5

CORDELIZANDO



Fonte: smartkids.com.br

DURAÇÃO: 7 horas/aula

OBJETIVOS

Geral:

Despertar os alunos para importância da literatura de cordel.

Específicos:

- Ler, compreender e interpretar textos cordelísticos;
- Encenar narrativas de folhetos de cordel;
- Desenvolver a criatividade e o protagonismo dos alunos;
- Reconhecer a importância dos poetas da cultura popular nordestina;
- Promover a oralidade através da leitura e recitação de cordéis;

RECURSOS

- Computador;
- Folhetos;
- Celulares;
- Cartazes;
- Notebook;
- Datashow.

Explore!

Professor, caso sinta necessidade de aprofundar seus conhecimentos sobre conceitos que serão relevantes durante as atividades, sugerimos que acesse aos seguintes conteúdos:



A LEITURA EM VOZ ALTA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/17860/209209215433/>

LITERATURA POPULAR NA ESCOLA

Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2015/TRABALHO_EV043_MD1_SA9_ID631_25072015104016.pdf

SARAU: ENTENDA O QUE É E COMO FUNCIONA

Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/sarau-como-funciona>

1º MOMENTO

MOTIVAÇÃO (1 AULA)

Professor,

Inicie a aula com o vídeo do cordel “A lição que a morte deu” de Bráulio Bessa.



Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v= KP4sSTMMmI&t=257s](https://www.youtube.com/watch?v=KP4sSTMMmI&t=257s)

Após assistirem ao vídeo, discuta sobre a lição que o poeta transmite por meio do cordel.

Pergunte-os sobre o que pensam:

Da vida após a morte. Existe ou não?

Das consequências das nossas ações aqui na terra. Colheremos aqui ou em outra vida? Ou nada a ver?

Independente de religião, devemos praticar o bem ou não?

E se a pessoa não é muito legal, como devemos agir?



2º MOMENTO

INTRODUÇÃO (1 AULA)

Professor, na aula seguinte, converse com os alunos sobre o autor do cordel “A lição que a morte deu”, Bráulio Bessa.

- Pergunte se eles já viram ou ouviram sobre Bráulio Bessa;
- Converse com os alunos sobre o poeta e a importância dos novos cordelistas para nossa literatura;
- Lembre aos alunos que esse poeta e muitos outros são frutos do pioneiro Leandro Gomes de Barros, autor das obras lidas na oficina anterior.

APRESENTE O POETA PARA TURMA



RESUMO DA BIOGRAFIA DE BRÁULIO BESSA

Ocupação
Poeta brasileiro

Data do Nascimento
23/07/1985 (37 anos)

Bráulio Bessa

Poeta brasileiro

Por Rebeca Fuks
Doutora em Estudos da Cultura






Biografia de Bráulio Bessa

Bráulio Bessa se define como um fazedor de poesia. O rapaz foi o artista mais assistido e compartilhado nas redes sociais da Globo durante o ano de 2017.

O poeta nasceu em Alto Santo (interior do Ceará) no dia 23 de julho de 1985.

Acesse a biografia na íntegra por meio do link: https://www.ebiografia.com/braulio_bessa/

Relate para os alunos que Bráulio não é o único poeta de cordel que tem alcançado destaque na atualidade, apresente para eles, também, a paraibana Poetisa Anne Karolynne:

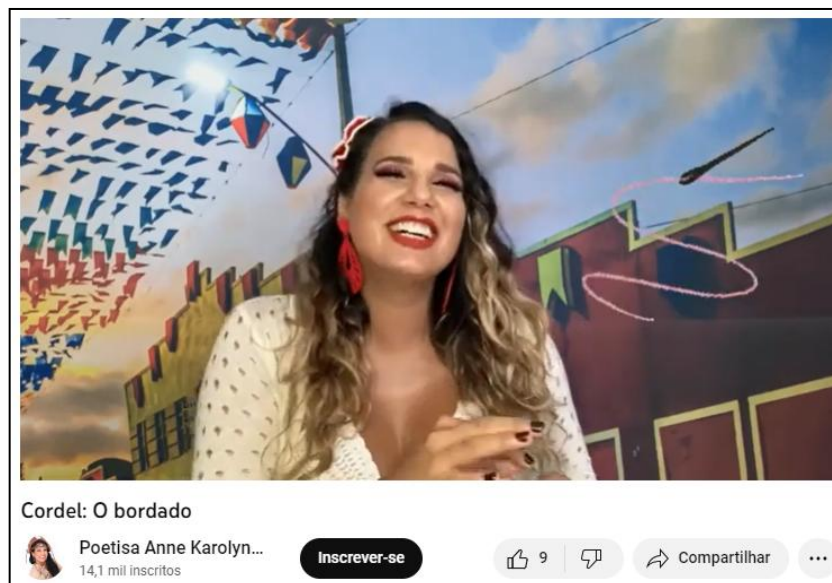


Paraibana de Campina Grande/PB, mãe, cordelista e enfermeira especialista em saúde mental. Autora de cordéis ilustrados publicados pelo Ministério da Cultura e do livro "Poesia popular: ferramenta de inclusão na saúde mental" (2019). Sua obra "Coronavírus em cordel" ganhou repercussão mundial durante a pandemia de covid-19 em 2020. Desenvolve o projeto "Cordel Personalizado", tendo escrito mais de duzentas biografias rimadas através da literatura de cordel. Foi 1º lugar em declamação no Festival "Vamos Fazer Poesia" (2018) e teve cordéis premiados nos concursos "Jackson do Pandeiro: 100 anos do Rei do Ritmo" (2019), Prêmio Maria Pimentel (2020) com o cordel "Cadê minha mamãe?" e 1º lugar no prêmio Nísia Floresta de Literatura – 210 anos (2020).

Membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba. Seus trabalhos podem ser acessados nas redes sociais como "Cordel Personalizado".

Disponível em: <http://cordelando389.blogspot.com/2021/05/biografia-anne-karolynne.html>

Após apresentar a poetisa, passe o vídeo do cordel "O bordado" para a turma assistir:



Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JyG_yiwr1jE

Ao finalizarem o vídeo, converse com os alunos sobre as impressões que tiveram e se gostaram do vídeo. Pergunte-os:

De que lembraram ao ouvir o cordel? Quais sentimentos fluíram neles durante o vídeo, lembranças/sentimentos bons ou ruins?

3 MOMENTO

LEITURA (1 AULA)

Professor, na aula seguinte apresente aos alunos o cordel “A lição que a morte deu” de Bráulio Bessa e “O bordado” de Anne Karolynne” de forma impressa.

Use os links abaixo para ter acesso aos cordéis:

A LIÇÃO QUE A MORTE DEU - BRÁULIO BESSA

<https://www.tudoepoema.com.br/braulio-bessa-a-licao-que-a-morte-deu/?print=pdf>

O BORDADO - ANNE KAROLYNNE

<http://cordelando389.blogspot.com/2012/02/o-bordado.html>

É O MOMENTO DA LEITURA



Fonte: <https://br.vexels.com/>

Professor:

- Entregue a impressão dos cordéis para todos os alunos;
- Peça que eles façam, primeiramente, uma leitura silenciosa dos dois textos;
- Logo em seguida, escolha um dos cordéis para fazer uma leitura compartilhada (em forma de declamação);
- Organize a sala em círculo, todos em pé;
- Oriente cada aluno a ler uma estrofe do poema em voz alta;
- Comece a leitura e vá passando para o próximo (combine com eles a ordem da leitura para não precisarem interromper a declamação);
- Ao finalizarem o 1º cordel deem uma salva de palmas e declamem o 2º.

4º MOMENTO

INTERPRETAÇÃO (1 AULA)

Agora que as obras já foram lidas e analisadas diversas vezes, chegou a hora da interpretação.



Fonte: flaticon.com

Divida a turma em duas equipes, uma equipe irá fazer a interpretação do cordel “O bordado” de Anne Karolynne e a outra do cordel “A lição que a morte deu” de Bráulio Bessa.

Essa será uma interpretação encenada, em que cada equipe irá encenar o seu cordel

Organize as cadeiras da sala em círculo e dê um tempo para cada equipe se preparar. Após a preparação, peça que apresentem uma encenação no centro do círculo.

INTERVALO

Professor,

Chegou o momento de prepararmos a última apresentação dessa oficina. Esta apresentação também encerra as propostas deste caderno de atividades.

Para tanto, propomos que convide toda a comunidade escolar para o encerramento que será um SARAU DE LITERATURA DE CORDEL.

Converse com a equipe gestora para que aconteça no pátio da escola em um horário acessível a todas as turmas.

ESTIPULE UM PRAZO ADEQUADO PARA O INTERVALO
É nesse momento que os alunos irão preparar-se para apresentação.

Juntamente com os alunos, consiga alguns folhetos de cordéis variados para serem expostos durante o sarau. É importante que, dentre estes, estejam presentes folhetos de Leandro Gomes de Barros.

Peça que os alunos confeccionem cartazes com a biografia dos autores estudados, como também cartazes com alguns cordéis impressos, para serem expostos em um painel.

Selecione com os alunos um folheto para ser dramatizado no dia

(Oriente, mas dê autonomia aos discentes, compartilhe os links abaixo para escolha do folheto).

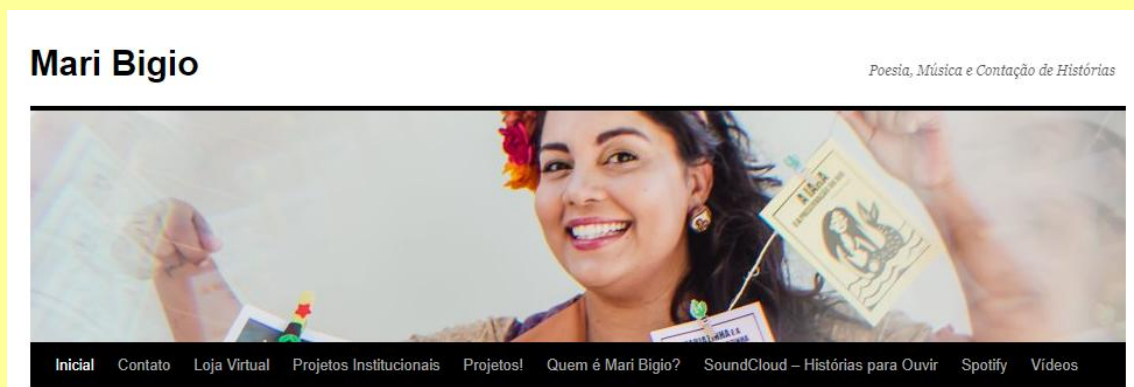
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO

<http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/home/index.php>

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL

<http://www.ablc.com.br/o-cordel/cordeis-digitalizados/>

É importante que sejam feitas várias declamações de cordéis pelos alunos da turma (Para isso, sugerimos que compartilhe com eles o Blog de **Mari Bigio**, neste a cordelista apresenta diversos cordéis curtos acompanhados com o vídeo da declamação do cordel)



Disponível em: <https://maribigio.com/>

Organize e anuncie para comunidade que haverá um concurso de declamações.

(Organize uma pequena premiação para o concurso)

Convide cantadores de cantoria da cidade, declamadores de versos e contadores de causos para assistirem ao sarau e fazerem alguma apresentação.

APRESENTAÇÃO (3 AULAS)**SARAU DE LITERATURA DE CORDEL**

- Ornamentem o pátio com bandeirolas e adereços que remetam à literatura de cordel;
- Organizem uma mesa com comidas típicas da região;
- Preparem um cantinho com painéis dos autores e dos seus respectivos cordéis (prepare alguns alunos para fazerem a apresentação dos autores);
- Inicie o momento com a encenação do folheto escolhido;
- Abra espaço para um dos convidados fazer sua apresentação (Um cantador ou declamador);
- Convide os alunos da turma para declamarem os cordéis escolhidos;
- Abra o momento para contação de causos por um convidado;
- Encerre com o concurso de declamação.

AVALIAÇÃO

A avaliação será formativa, ou seja, acontecerá de forma contínua durante o desenvolvimento das atividades propostas na oficina. Para tanto, o professor observará a participação e o desempenho dos alunos em cada etapa realizada.

Nas suas observações, o professor avaliará se os alunos entenderam a relevância da literatura de cordel para nossa cultura popular, bem como a importância da nova geração de cordelistas para fortalecimento dessa arte; a criatividade e protagonismo dos alunos durante as atividades de encenação e o desenvolvimento da oralidade, da leitura e da compreensão de textos a partir do envolvimento com os cordéis .

A avaliação formativa compreenderá os diversos caminhos da formação do aluno, bem como servirá de espelho para prática pedagógica do professor. Avaliar formativamente é entender que cada aluno possui seu próprio ritmo de aprendizagem e, sendo assim, possui cargas de conhecimentos diferentes entre si. Ela fortalece a teoria de que o indivíduo humano aprende em cada instante de sua existência e, portanto, são nesses diversos momentos que ele terá que ser avaliado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como professores de Língua Portuguesa, temos ciência da importância da leitura na formação humana, porque ela é fundamental para o desenvolvimento de diversas habilidades, seja na vida acadêmica, psicológica ou social. Vale salientar, que ao falarmos em leitura consideramos uma prática que vai além da decodificação de palavras escritas, pois para haver uma leitura efetiva é necessário que haja compreensão do que é lido, seja de um texto escrito, de um desenho, de um gesto, de um som ouvido, enfim, a leitura é essencial nos mais diversos âmbitos da interação humana.

Não obstante, os materiais didáticos utilizados nas escolas serem de grande importância para o ensino e aprendizagem, é necessário trazer para a sala de aula outros textos, a exemplo dos da cultura popular, que tenham intrínseca relação com a experiência dos nossos alunos.

Adotando essa visão, vivenciamos em sala de aula uma experiência com a oralidade, através dos gêneros *causo* e *cordel* (relato apresentado do capítulo 3 deste trabalho), que nos fizeram enxergar a importância de trabalhos pedagógicos que ressaltam as diversas formas de leitura. Por meio da sequência aplicada, reconhecemos a relevância de darmos visibilidade à cultura popular e às práticas sociais no contexto educacional, pois, durante a nossa prática, por meio da inclusão dos gêneros *causo* e *cordel*, percebemos uma aproximação dos textos usados em sala com o cotidiano e com a cultura do alunado, levando-os a uma visível motivação em ler os textos disponibilizados, o que oportunizou uma significativa melhoria no desenvolvimento da leitura e da compreensão de texto deles.

Diante de tal experiência, sentimos a necessidade de aprofundarmos nossos estudos sobre as dificuldades e necessidades no que se refere ao trabalho com leitura e compreensão de textos e de ampliar nossos conhecimentos quanto às possibilidades do trabalho com a oralidade em sala de aula por meio dos gêneros *causo* e *cordel*. Com esse enfoque, iniciamos a pesquisa aqui apresentada.

Nesta pesquisa, as hipóteses apresentadas foram confirmadas pelos teóricos estudados, isto porque, conforme nossos estudos, é real e perceptível a dificuldade que nosso alunado possui no que concerne à leitura e à compreensão de textos, o que acarreta grandes prejuízos em seu desenvolvimento sociocognitivo, e que tais dificuldades estão atreladas às atividades mecanicistas as quais, muitas vezes, os alunos são submetidos em sala de aula, assim como a desvinculação do ensino de Língua Portuguesa das práticas sociais do educando e da cultura na qual ele está inserido. Constatamos, ainda, que podemos amenizar essa problemática à

medida que valorizamos as práticas sociais dos educandos e possibilitamos o contato deles com gêneros que reflitam a sua cultura e valorizem a sua oralidade.

Os objetivos deste estudo foram alcançados e contribuíram satisfatoriamente para nossa formação, já que conseguimos apresentar relevantes desafios que envolvem as dificuldades de leitura e de compreensão de textos e a importância da oralidade e das práticas de letramentos para superarmos essas dificuldades, assim como confirmamos que é essencial darmos visibilidade a gêneros que coadunam com a cultura popular no processo de ensino-aprendizagem.

Destarte, evidenciamos a importância do uso de gêneros textuais típicos da cultura dos discentes no âmbito educacional, apresentando um caderno de atividades pedagógicas com oficinas de leitura e de compreensão de textos, centradas nos gêneros *causo* e *cordel*, no intuito de auxiliar professores de Língua Portuguesa, do 6º ano do Ensino Fundamental, em suas práticas de sala de aula. Esses gêneros possibilitam um ensino que valorize a diversidade linguística, cultural e social do nosso alunado, ao mesmo tempo em que se mostram fortes aliados no desenvolvimento da oralidade, da leitura e da compreensão de textos na sala de aula. Isso porque, os *causos* e *cordéis* têm íntima relação com as práticas sociais e a cultura popular, além de serem gêneros que encantam e têm um forte elo com o sobrenatural e o fantástico.

Com esta pesquisa e por meio das atividades apresentadas, esperamos contribuir de forma significativa para o enfrentamento das dificuldades de leitura e de compreensão de textos e auxiliar outros professores no processo de desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Contudo, temos ciência de que, ainda, há muito a ser pesquisado e colocado em prática para pudermos preencher essa lacuna na educação básica.

Assim sendo, por tudo que estudamos, questionamos, aprendemos e desenvolvemos nesta pesquisa, constatamos a importância do PROFLETRAS, por favorecer a professores da educação básica a oportunidade de tornarem-se pesquisadores. Por meio do Mestrado Profissional em Letras, pudemos despertar para a pesquisa e, assim, ampliar nossos conhecimentos, que contribuirão de forma significativa nas nossas práticas de sala de aula, como também, na nossa trajetória social, cultural e pessoal.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola editorial, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos.** Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- AYALA, Marcos. AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura Popular no Brasil.** São Paulo: Editora Ática, 2002.
- AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores, cultura popular e contexto brasileiro.** [s.l.: s.n.], 2006. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores.pdf>. Acesso em: 01 out. 2021.
- BATISTA, Gláucia Aparecida. **Entre causos e contos: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular.** (Dissertação de Mestrado). Universidade de Taubaté, São Paulo, 2007.
- BARBOSA, Maria Vanice Lacerda de Melo. **Modalização e polifonia no gênero resenha acadêmica: um olhar apreciativo sobre a voz da ciência.** (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** Tradução de Maria E. Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii.** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico.** 56. ed. Revista e ampliada - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BRASIL. **Base nacional comum curricular.** Versão homologada. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Festas de trabalho. **Cultura popular e Educação: salto para o futuro.** Secretaria de Educação a Distância, MEC. Brasília, 2008.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura oral no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Global, 2006.
- CARVALHO, Robson Santos de; FERRAREZI JR, Celso. **Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar.** São Paulo: Parábola, 2018.
- COELHO, Izete Lehmkuhl, et al. **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. 12ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: EDUSP, 1998.

DEBS, Sylvie et al. **Patativa do Assaré uma voz do Nordeste**. hedra, 2000.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. **Dicionário brasileiro de literatura de cordel**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rovel, 2013.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 66. ed – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática 2011.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e ensino**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever**. Campinas: Cefiel-Unicamp, 2005.

KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Mercado de Letras, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. 8ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 2022.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

LEITE, Jan Edson Rodrigues. **Sociolinguística interacional e a variabilidade cultural da sala de aula**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. São Paulo: Brasiliense, 5. ed. Coleção primeiros passos, 1992.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A oralidade no contexto dos usos lingüísticos: caracterizando a fala**. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. Fala e escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura: como e quando começamos a ler**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

MARINHO, Ana Cristina. **O cordel no cotidiano escolar**. Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro. São Paulo: Cortez, 2012.

NANTES, Elisa Adriana Sheuer. **Causo Escrito**: uma proposta de trabalho sobre leitura, produção textual e análise linguística, via Plano de Trabalho Docente. Londrina, 2014.

OLIVEIRA, I. R. **O gênero causo**: narratividade e tipologia. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

PEREIRA, Hérica Paiva. **O letramento**: um desafio em sala de aula. SEF/MEC, 2014.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola 2018.

PINHEIRO, Helder. **Cordel na sala de aula**. Hélder Pinheiro e Ana Cristina Marinho Lúcio. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

PINHEIRO, Socorro. **Patativa do Assaré**: entre o oral e o escrito. Revista Diadorim, v. 1, 2006.

SILVEIRA, Maria Claurênia de et. al. **Estudos em literatura popular**. João Pessoa: UFPB, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. – 3. ed.; 8. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. – 18. ed.; 3. Reimp. – São Paulo: Contexto, 2021.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução Celso Cunha. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014.

VIANA, Arievaldo Lima. **Acorda cordel na sala de aula**. 2. ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.